

Susan Hawthorne

**BIBLIO
DIVERSIDADE**

um manifesto pelas
edições independentes

**BIBLIO
DIVERSIDADE**

um manifesto pelas
edições independentes

FE

Susan Hawthorne

**BIBLIO
DIVERSIDADE**

um manifesto pelas
edições independentes

Não serei “famosa”, “grande”.
Continuarei me aventurando,
mudando, abrindo a mente e os olhos;
me recusando a ser rotulada e estereotipada.
O importante é nos libertarmos;
deixar o eu encontrar suas dimensões
e não ser impedido.

Virginia Woolf.
Os diários de Virginia Woolf: uma seleção (1897-1941).
Tradução de Angélica Freitas.

ES

umário

Introdução	10
Bibliodiversidade	15
Um tamanho veste todos	28
O solo	34
Multiversidade	37
Produção	42
Feminismo	47
Pornografia	51
Livre comércio e liberdade de expressão	54
Comércio justo e igualdade de expressão	59
Recolonização	68
Bibliodiversidade digital	75
Edição orgânica	81
Princípios da bibliodiversidade: modelos e procedimentos	86
Bibliodiversidade no século XXI	90
Apêndice — Declaração de Pamplona-Iruñeates: por uma edição independente decolonial, ecológica, feminista, livre, social e solidária	94
Referências	98



Introdução

A nova ordem editorial global é a última de uma série de fusões e aquisições de editoras que ocorreram durante o último século. Enquanto a Igreja rapidamente utilizou o impresso para seus próprios interesses, muitos livros e panfletos foram publicados por uma indústria artesanal que floresceu em torno de pensadores e escritores da época. As mulheres, bem como os povos colonizados e escravizados, sempre enfrentaram obstáculos para que suas ideias fossem publicadas. Apesar disso, esses grupos marginalizados sempre encontraram alguma forma de divulgar suas palavras.

Durante o século XX o livro chegou a todos os cantos do mundo, impulsionado principalmente pelo livro de bolso, de capa flexível e papel barato. Allen Lane, fundador da Penguin, o popularizou nos anos 1930. Um livro custava uma bagatela. Lembro-me da livraria do nosso bairro, no interior rural da Austrália, e as suas estantes abarrotadas de livros Penguin com suas capas laranja, os Pelican azuis e as novelas policiais em verde. Os clássicos de cor preta ainda não haviam chegado, e a coleção infantil Puffin não me interessava, pois eu já não era tão criança para apreciá-la.

O século XXI chega com a promessa de que seremos salvos pelo formato digital; que o futuro são os livros eletrônicos, baratíssimos, e que estamos a apenas um clique de publicar tudo aquilo que desejarmos dizer. Isso é verdade? Já estamos na primeira era da

autopublicação? Os editores continuarão sendo necessários? Qual é o papel das editoras independentes em uma economia global orientada para o marketing?

A economia de mercado, disfarçada de megacorporações editoriais fabulosamente capitalizadas e muito conhecidas pelos leitores, garante que a promessa do livro digital será uma realidade. Assim, o processo de concentração da indústria editorial segue o mesmo caminho de outros produtos quando são industrializados. Tanto a concentração quanto a industrialização buscam sempre aumentar o controle sobre aqueles que elas afirmam satisfazer com seus produtos. Do mesmo modo que os grandes laboratórios interferem nos métodos de cultivo agrícola, as grandes editoras constantemente tentam distrair os leitores com sua última linha de produtos, seus grandes descontos ou seus livros a preços baixíssimos. Tal como o produtor vende seus laticínios ao supermercado por um valor abaixo de seu custo, é esperado que as editoras vendam por poucos dólares livros que demandaram anos de gestação, um longo processo de edição, de cuidado com o design, a aparência e a qualidade do livro.

Os editores independentes (conceito que definiremos mais adiante) não lançam títulos ao mercado como as fábricas fazem com seus produtos. É possível que as pessoas envolvidas em todo o processo não sejam pagas de acordo com o que merece a sua capacidade profissional nem disponham de recursos suficientes, e no entanto, com muito esforço, finalmente os livros são publicados.

Às megacorporações editoriais, que operam em nível global, não interessa o diferente, o original ou o criativo. Elas não se arriscam a investir em livros que serão fundamentais para as próximas gerações; livros com algo novo e relevante para dizer. Apenas se preocupam com os números, com mais do mesmo, por meio de fórmulas já aprovadas por seus últimos megassucessos. Seria esta uma história semelhante à de J. K. Rowling ou uma nova onda erótica de “setenta tons” ou uma zona obscura povoada de zumbis que caminham como soldadinhos de madeira? As grandes corporações editoriais e as grandes livrarias,

com seu marketing gigantesco, aniquilam, ajustam e transformam qualquer coisa diferente em um produto cultural adaptado ao gosto da massa. Uma linha de livros, como uma linha de *lingerie*. Tal como André Schiffrin escreveu a respeito do livre mercado de ideias, “não se trata do valor de mercado de cada ideia. Pelo contrário, o que significa é que as ideias de todo tipo devem ter uma chance de estar à disposição do público, para que sejam expressas e plenamente debatidas”.¹ As megacorporações editoriais esperam que cada livro pague sua própria produção e os demais gastos implicados no processo de publicação, como a infraestrutura e os salários dos executivos. Com isso, os livros que não são de rápida vendagem, mas que têm vida longa, os livros que transformam normas sociais, têm menos chance de serem publicados.

Os editores independentes apostam numa forma diferente de fazer as coisas. Buscam compromisso com a sociedade e métodos que reflitam valores da região e do nicho em que atuam. Os pequenos editores e os editores independentes se assemelham a espécies vegetais raras que surgem numa vasta plantação oferecendo algo diferente: alimentam a terra e trazem cores e aromas para o mundo.

A Aliança Internacional de Editores Independentes define o “editor independente” como aquele que não recebe nenhum recurso ou apoio, financeiro ou de outro tipo, de instituições tais como partidos políticos, organizações religiosas ou universidades, que confira a elas o direito de tomar decisões em relação às publicações. Essa definição não significa que os editores independentes estejam impedidos de receber algum subsídio, mas seu programa editorial não pode ser determinado pela entidade que concede os recursos. Outros elementos mencionados na definição proposta pela Aliança incluem a participação ativa na administração da editora por aqueles que financiam a sua atividade (já que não há retorno a curto prazo para um banco ou uma corporação). Além disso, a política de publicação deve ser do

¹ SCHIFFRIN. *The Business of Books*, apud WILLS. *The Business of Books* by André Schiffrin. [Review]

tipo em que o fundo de catálogo e as novidades estão articulados entre si. Os editores independentes devem se interrogar sobre sua habilidade para promover a bibliodiversidade no debate público, trabalhando com as livrarias independentes, bibliotecas públicas e instituições locais, bem como estabelecer parcerias internacionais com outras editoras independentes com o objetivo de publicar coedições e traduções. A publicação de trabalhos inéditos, em contraste com a compra de direitos de publicação de livros de consumo massivo, é também um elemento importante.²

Os editores independentes não são híbridos, eles são a fonte da diversidade cultural. Eles fomentam a bibliodiversidade para poder enfrentar a besta descomunal das megaeditoras e as grandes redes de livrarias. O presente manifesto transita pela corda bamba que une o otimismo a longo prazo e o pessimismo a curto prazo. Há muitos desafios para os editores independentes que operam dentro do mercado global, e a chegada das edições digitais abre novas oportunidades e, simultaneamente, desencadeia uma forma de recolonização de ideias e da propriedade intelectual. Escritores, editores, livreiros, bibliotecários, leitores e críticos se movem em um ambiente com carga política. A edição é uma atividade social, cultural e transformadora, mas também pode cair nas mãos daqueles que não estão do lado da justiça social e da equidade de expressão.

² A definição de editor independente apresentada acima é resultado de uma série de debates nas reuniões da International Alliance of Independent Publishers, particularmente entre o Coordenador de língua espanhola, Juan Carlos Sáez, e o diretor Laurence Hughes. Ver também: COLLEU. *Éditeurs indépendants: de l'âge de raison vers l'offensive*, p. 94-97.



ibliodiversidade

Os países ricos, praticantes do comércio livre, aplicam o mais rígido protecionismo contra os países pobres: convertem tudo o que tocam em ouro para si e enlatam para os demais – incluindo a própria produção dos países subdesenvolvidos.

Eduardo Galeano. As veias abertas da América Latina.

Assim como a biodiversidade é um indicador da saúde de um ecossistema, a saúde de um sistema ecossocial pode ser encontrada em sua multiversidade e a saúde da indústria editorial pode ser encontrada em sua bibliodiversidade.

Biodiversidade

A biodiversidade é um sistema complexo e autossuficiente que habita o nicho ecológico de uma localidade específica e particular. Inclui a diversidade genética, das espécies e dos ecossistemas. É um conceito que considera as plantas, os animais e os microrganismos. Abarca “todas as espécies que vivem atualmente na Terra, suas variações internas e a interação existente entre os organismos e seus meio ambientes bióticos e abióticos, assim como a integridade destas interações”.³ Amplio a noção de biodiversidade para abordar a diversidade *cultural* e utilizá-la também como uma inspiração para a bibliodiversidade.

Multiversidade

A multiversidade é uma abordagem epistemológica que leva em conta a localização e o contexto de quem a conhece e habita. Ela valoriza o conhecimento local. Ela não procura vestir com uma

³ GOWDY; MCDANIEL. *One World, one Experiment: Addressing the Biodiversity-Economics Conflict*, p. 182.

camisa de força quem traz as ideias mais originais, aquelas ideias que resistem ao sistema convencional apoiado globalmente pela religião, pelo capital, pelo consumismo liberal e pelo militarismo.

Biodiversidade

A biodiversidade é um sistema complexo e autossuficiente de contação de histórias, escrita, edição e outros tipos de oratura⁴ e literatura. Aqui, escritores e produtores podem ser comparados aos habitantes de um ecossistema. A biodiversidade contribui com o florescimento da cultura e saúde do ecossistema social.

Podemos pensar a biodiversidade como um olhar que observa de baixo. Assim como nas árvores velhas plantadas em terra boa, as raízes da cultura são profundas. O tempo criou um solo nutrido de conhecimentos e, se a árvore da cultura não pode aproveitar desse solo de conhecimento, morrerá por falta de nutrientes. Porém, a árvore não está só: ela mantém uma relação de interdependência com uma infinidade de organismos, plantas e animais ao seu redor.

Assim como um ecossistema é biodiverso quando possui um “equilíbrio dinâmico”,⁵ quer dizer, quando uma espécie não invade nem domina outras espécies para expulsá-las do lugar que dividem, assim também em um sistema ecossocial pode haver equilíbrio dinâmico só quando uma multidão de diferentes vozes pode ser ouvida. A homogeneização dos ecossistemas ocorre quando a agricultura globalizada e industrializada, a agroindústria e os organismos geneticamente modificados aparecem com o objetivo de dominar o meio ambiente. São efeitos adversos da globalização. O mesmo

⁴ N. T.: *Oratura* é um neologismo surgido na segunda metade do século XX para designar a arte verbal oral, de modo a evitar a expressão *literatura oral*, que traria em si uma contradição pelo fato de a palavra *literatura* se originar da palavra latina *littera*, que significa 'letra'. N.A.: Exemplos de oratura incluem a *Odisseia* e a *Ilíada*, de Homero; o épico indiano *Mahabharata*; os cantos cíclicos dos aborígenes da Austrália, como o *Djanggalawul*; e uma vasta gama de literatura falada existente no mundo inteiro. Engloba, também, um conjunto imenso de cantos, poemas e histórias tradicionais, assim como receitas culinárias e medicinais. Nos ofícios, ela também inclui instruções específicas para fazer objetos, como instrumentos musicais e outros.

⁵ Mais sobre o equilíbrio dinâmico nas p. 17-18, 70, 77 e 96.

acontece no sistema ecossocial quando a falta de diversidade midiática e a concentração de grandes editoras e cadeias de livrarias reduzem a possibilidade de escutar e ler uma diversidade de vozes. Estas grandes empresas acabam gerando as “monoculturas da mente”,⁶ que são tão destrutivas como as monoculturas agrárias ou militares. Se o habitat social é invadido pelas monoculturas epistemológicas – todas as vozes em uníssono dizendo a mesma coisa – o que se produz é a perda do equilíbrio dinâmico, e aqueles que têm algo novo e diferente para dizer acabam sendo ignorados. Nesse contexto, buscar uma abordagem que se concentre na multiversidade é o primeiro passo. Para que a multiversidade possa prosperar é necessário que haja um fenômeno de publicação que a acompanhe; e é aqui onde nos encontramos com a necessidade de uma abordagem que enfatize a bibliodiversidade.

A bibliodiversidade ocorre quando o solo profundo da cultura se encontra bem nutrido e a multiplicidade de posturas epistemológicas é incentivada. É isso o que entendo por multiversidade cultural. As pequenas editoras e as editoras independentes contribuem com a multiversidade cultural ao publicar materiais culturais de maneira consciente – por exemplo, quando se arriscam a publicar textos que se inspiram na cultura não homogeneizada e quando produzem livros que representam uma ampla variedade de pontos de vista e posições epistemológicas.

Nos anos 1990, um grupo de editores chilenos, organizados na Associação de Editores Independentes do Chile, cunhou o termo “bibliodiversidade”.

A atual orientação financeira dentro do mundo editorial – na qual grandes empresas sem quaisquer vínculos editoriais compram editoras e ditam altos níveis de produtividade – está levando a uma perda de independência editorial.⁷

⁶ SHIVA. *Monocultures of the Mind: Perspectives on Biodiversity and Biotechnology*.

⁷ INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. *International Declaration of Independent Publishers for the Protection and Promotion of Bibliodiversity*, p. 1.

Ou, como disse Françoise Benhamou no discurso que pronunciou em uma reunião da Aliança Internacional de Editores Independentes:

No contexto da biodiversidade, a variedade se refere simplesmente ao número de espécies existentes em um lugar particular; no mundo dos livros, deveria se referir ao número de títulos. Ainda assim, o tema não se esgota só com essa comparação. Retornarei a esse ponto posteriormente. Outro elemento importante na biodiversidade é o equilíbrio entre as espécies. Se olharmos para o que isso significa dentro da biodiversidade, veremos a ideia extremamente simples de que se você tem múltiplas espécies, mas com algumas presentes em grande número, enquanto outras são muito escassas, aquelas com muitas unidades vão provavelmente devorar as outras ou triunfar sobre elas. Isso é o que está acontecendo no mundo dos livros, no qual é motivo para preocupação que a dominância de *blockbusters* nas prateleiras de supermercados e, acima de tudo, das livrarias, esteja expulsando outras ofertas que são mais difíceis de promover.⁸

Quando as feministas tiveram que lidar com a indústria editorial internacional dominada pelos homens nas décadas de 1970 e 1980, foram confrontadas por desafios similares. O resultado foi a cooperação entre editores, livrarias e escritores, que colaboraram com suas habilidades e geraram uma rede que, por sua vez, abriu oportunidades de coedição.

Em 1984, foi celebrada em Londres a primeira Feira Feminista Internacional do Livro. O evento reuniu editoras e escritoras de distintos continentes – na década seguinte, já eram milhares de escritoras, leitoras, tradutoras, editoras, livreiras e bibliotecárias junto a uma multidão de outros que se reuniam nessas feiras a cada dois anos em Oslo, Montréal, Barcelona, Amsterdã e Melbourne. Desses encontros emergiram as raízes da bibliodiversidade. Estávamos conscientes da importância do que estávamos fazendo, mas não tínhamos ideia de que esta rede em pleno processo de “decolagem” iria colapsar tão rápido. Como organizações feministas autônomas, não tínhamos estrutura, financiamento a longo

⁸ BENHAMOU. *Les Assises et Leurs Suites*, p. 28-29.

prazo, nem um centro administrativo em funcionamento (ironicamente, muitas de nossas feiras se realizaram em lugares que depois seriam sede dos Jogos Olímpicos, com sua gigantesca estrutura).

As feiras internacionais feministas do livro foram possíveis devido ao crescente interesse na literatura feminista e nas editoras feministas. No entanto, tudo o que foi conquistado foi desaparecendo rapidamente devido a “posições” teóricas despolitizadas e à aparição e desenvolvimento das megalojas.

A década de 1980 foi testemunha de como a teoria pós-moderna foi sendo gradualmente adotada nas universidades. Os pós-modernistas voltaram sua atenção ao feminismo, à teoria lésbica e às análises radicais de classe e raça. Logo nos demos conta de que termos como *gênero*, *queer*, *hibridismo* ou *etnização* começaram a substituir os já conhecidos: *sexismo*, *misoginia* e *preconceitos fundados na orientação sexual*, *classe social* e *raça*. Essa nova terminologia acabou com o radicalismo essencial dos movimentos sociais de massa. Quem pode comparecer a uma marcha e gritar palavras de ordem sobre a etnização? Ninguém quer gritar a respeito de gênero. Que tipo de bordão usaria “violência sexual baseada no gênero” quando existe um termo exato como “estupro”? Os manifestantes querem fazer ruído para protestar contra o ódio, a opressão, a misoginia ou a exploração. As mulheres gritam “nos devolvam a noite!”, ou “nem o Estado nem a Igreja, as mulheres decidem seu próprio destino!”; os ativistas protestam contra a guerra, a discriminação racial, a pobreza e a destruição do meio ambiente. Querem denunciar a eugenia e a discriminação calcada na deficiência, idade ou exclusão racial. O enfraquecimento linguístico dos movimentos sociais de massa, a ideia de que sua posição social te impede de falar por qualquer um que não seja como você, culminou no silenciamento de milhões de vozes.

O pós-modernismo fez desaparecer toda a energia necessária para fazer política.⁹ Dedicou-se a teorizar fora das manifestações e

⁹ BRODRIBB. *Nothing Mat(t)ers: A Feminist Critique of Postmodernism*. BELL; KLEIN. *Radically Speaking: Feminism Reclaimed*.

dentro das torres de marfim. A energia política foi abandonada num canto de algum porão acumulando pó.

A invenção das megalojas foi outro prego no caixão das editoras feministas. Em 1933, durante a American Book Expo, as editoras feministas começaram a analisar as estratégias utilizadas pelas grandes lojas. As livreiras feministas notaram que as megalojas da Borders¹⁰ estavam se instalando na calçada da frente, na esquina ou até mesmo na loja ao lado das melhores livrarias independentes, muitas das quais eram feministas e contavam com uma base de clientes muito leal. A Borders imediatamente começou a vender os mesmos títulos, mas, além de oferecê-los a um preço mais baixo, a cadeia servia café e lanches, e inclusive, não muito tempo depois, as escritoras feministas que contavam com uma importante trajetória, foram convidadas a falar em eventos organizados pela grande rede de megalojas. Não é difícil concluir que aqueles clientes “leais” terminaram por comprar nessas livrarias. É importante lembrar que, em geral, as mulheres dispõem de menor renda do que os homens, então a estratégia do preço baixo funcionou, combinada a outras sutilezas e detalhes. Seria possível pensar que a situação só afetou as livrarias feministas, e que foi conveniente para as editoras feministas, já que seus livros contariam com o dobro de pontos de venda. Assim foi no começo. No entanto, as editoras feministas não tinham estoque suficiente para a demanda, agora crescente, e tiveram que reimprimir consideráveis quantidades de exemplares (naquela época, uma reimpressão tinha de incluir pelo menos 1.500 a 2.000 exemplares para manter suficientemente baixo o custo unitário). Uma vez realizada a impressão, essas editoras se deram conta de que às vezes a Borders havia solicitado mais estoque do que o necessário e devolvia muitos exemplares, deixando

¹⁰ Nota da edição em espanhol: Borders Group, Inc. foi uma distribuidora internacional de livros e música com sede em Ann Arbor, Michigan. Em seu último ano, a companhia empregou aproximadamente 19.500 pessoas nos Estados Unidos, principalmente em suas lojas Borders e Waldenbooks. A empresa rival, Barnes & Noble, adquiriu as marcas registradas da Borders e a lista de clientes. Depois de uma série de fusões e quebras na indústria livreira americana desde a década de 1990, Barnes & Noble se mantém como a única cadeia de livrarias nacional dos Estados Unidos. Extraído de: www.referenceforbusines.com.

a editora com livros demais e uma conta altíssima por gastos com estoque. Aconteceu também que, com a quebra das primeiras livrarias feministas por falta de clientes, as grandes lojas deixaram de solicitar os principais títulos que as livrarias vendiam. Certamente, essas grandes lojas também não tinham em seus estoques os títulos menos conhecidos que poderiam encontrar leitores nas livrarias feministas. De fato, muitos desses títulos não eram encomendados pelas grandes livrarias ou, se chegavam a ser, era muito difícil encontrá-los em lojas com excesso de inventários ou uma catalogação menos precisa. Tanto as livrarias como as editoras seguiram lutando para sobreviver. Isso coincidiu com dois novos fenômenos.

A tecnologização da indústria do livro estava apenas começando. Tanto o grupo Borders como outras grandes megalojas contavam com os recursos financeiros para automatizar todo o estoque disponível em seus pontos de venda. Em contraste, as pequenas livrarias se apoiavam no pessoal que conhecia o estoque, e que indicava aos clientes a estante exata onde poderiam encontrar o título que procuravam. A maioria dessas livrarias independentes não contava nem com o conhecimento dessa tecnologia nem com os recursos para incorporá-la ao processo de venda. Dentre aquelas que conseguiram fazê-lo, nem todas sobreviveram. Outro avanço foi a aparição da Amazon.com. Seu surgimento foi um ataque direto a uma das livrarias feministas mais consolidadas, a Amazon Bookstore, em Sacramento. As donas da loja protestaram e levaram a Amazon.com aos tribunais. Finalmente conseguiram receber uma indenização, mas ainda assim sofreram prejuízo, pois não puderam continuar no negócio. Ao conhecer esse desenlace, muitas livrarias perderam a esperança e deixaram de lutar para sobreviver.

Ao final da década de 1990, já restavam pouquíssimas livrarias feministas. Só puderam sobreviver aquelas que contavam com uma boa estratégia de marketing, com os conhecimentos e recursos para informatizar o inventário e com uma base de clientes sólida que estava comprometida politicamente com a permanência desse tipo

de loja. O primeiro impacto foi sentido na América do Norte, com a falência das livrarias feministas do Canadá e dos Estados Unidos, seguidas pelas editoras feministas, das quais poucas sobreviveram. Livrarias e editoras de outros países de língua inglesa começaram a passar pelo mesmo processo pouco tempo depois, com o avanço da globalização e a expansão das grandes megalojas e seu modelo para outros territórios.

As editoras feministas foram o “canário na mina”.¹¹ Hoje em dia outras editoras também veem sua sobrevivência ameaçada. Um editor estadunidense, em uma entrevista a Gisèle Sapiro em 2007, comentou a dificuldade que é encontrar traduções de livros nas grandes cadeias:

Por causa das grandes cadeias, quando chegamos com traduções de ficção, eles têm agora o que é chamado de “pulo”, em que, por exemplo, há uma [grande cadeia] que tem 1.200 livrarias e nenhuma delas tem livros traduzidos.¹²

Esse cenário da indústria editorial reflete o que vem acontecendo dentro das indústrias manufatureira e agrícola há algum tempo. O tema se encontra bem documentado em outro texto meu.¹³ O que não está bem documentado é que uma outra indústria paralela estava em um período de grande expansão. Ela também era assistida pela nova tecnologia da Internet,¹⁴ pelas novas regras do mercado internacional e pelo golpe teórico do pós-modernismo nas universidades e instituições governamentais, como os governos nacionais, e também nas organizações supragovernamentais, como a Organização Internacional

¹¹ Nota da edição em espanhol: Antigamente, os mineradores utilizavam canários no trabalho de exploração das minas para descobrir quando havia pouco oxigênio ou quando o túnel não era habitável.

¹² SAPIRO. Translation as a Weapon in the Struggle against Cultural Hegemony in the Era of Globalization, p. 39.

¹³ HAWTHORNE. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Biodiversity*.

¹⁴ A primeira vez que fui testemunha do poder da Internet foi em Bangladesh, em 1993, numa conferência organizada por Farida Akter sobre a investigação e o ativismo realizado pela ONG UBINIG. Estava claro desde o início que como feministas da Austrália e de Bangladesh necessitávamos desses meios de comunicação. Estávamos sempre compartilhando informação a nível internacional via fax, e-mail e através dos encontros que organizávamos. Mas os lugares que levaram mais tempo para aderir ao e-mail eram aqueles que se consideravam o centro do mundo.

do Trabalho (OIT) e da Organização das Nações Unidas (ONU). Trata-se da indústria do sexo: a pornografia e a prostituição, que também inclui o tráfico de mulheres, a gestação de substituição (conhecida como “barriga de aluguel”) e o tráfico de órgãos.¹⁵

Se faça essa relação entre o advento da Internet e a “objetificação” do corpo feminino através da prostituição, é porque esta relação existe.¹⁶ Quando as ideias deixam de se propagar, é porque novas formas de opressão apareceram. Com o desaparecimento dos centros que geravam ideias feministas, a ideologia libertária da “escolha” consumista individual se fez cada vez mais predominante. Em vez de fazê-lo nos centros de ativismo, muitas feministas começaram a pôr suas energias nas organizações não governamentais (ONGs), cujo financiamento dependia dos governos ou das corporações, que alinhavam e comprometiam estas organizações com os objetivos de seus doadores. Somente as poucas organizações que souberam entender a agenda política subjacente conseguiram continuar com seu objetivo original. O que se tornou crucial para a sua sobrevivência foi a independência a todo tipo de instituições, incluindo os governos, as universidades e as grandes corporações, em especial aquelas cujas decisões se deliberam nos conselhos de acionistas. O desastre das “publicações tampão” – termo que se refere à venda do mesmo livro, mas com cores diferentes –, não só afetou as livrarias independentes, mas afetou diretamente as megalivrarias. Encontramos um exemplo na Austrália quando o REDgroup, uma entidade corporativa composta por Borders, Whitcoulls e Angus & Robertson, e que por sua vez pertenceu à Pacific Equity Partners, declarou falência em fevereiro de 2011. Uma combinação de políticas de alto endividamento dos grupos de capital privado e erros estratégicos a respeito da distribuição dos livros eletrônicos,¹⁷ produziu a perda da memória corporativa que se

¹⁵ Uma análise feminista sobre o tema encontra-se em *Being and Being Bought*, de Ekis Ekman; *Women as Wombs*, e *Not a Choice, not a Job*, de Janice G. Raymond.

¹⁶ BELL. *A Theory of Shopping: A Feminist Reading of eCommerce*.

¹⁷ LIM. *What Really Went Wrong for Borders and Angus & Robertson?*

fragmentou, se perdeu e não foi recuperada. A venda de livros nas mãos de grandes corporações significa que todas as livrarias vendem os mesmos títulos em megalojas com a mesma aparência. Isto pode ser um golpe de sorte para algumas das grandes editoras com um grande orçamento de marketing e para um ou outro livro marginal, mas não é um modelo que beneficia as comunidades locais que têm necessidades e interesses particulares.

Além de impor sua cultura à indústria editorial, as megacorporações fizeram o mesmo com os escritores. Nos Estados Unidos, onde a indústria cinematográfica é muito influente, os roteiristas são contratados e pagos com uma taxa fixa pelo roteiro. Os estúdios pagam pela cessão dos direitos autorais aos produtores. Assim, os escritores perdem seus direitos de propriedade intelectual por um salário. As universidades, as revistas acadêmicas e a imprensa logo seguiram o mesmo modelo. O argumento foi de que os escritores estavam sendo pagos por sua escrita por meio de um salário, como acadêmicos, e, portanto, a universidade podia reivindicar os direitos do autor, já que o produto era parte do trabalho que o acadêmico realizava para a instituição. As revistas e as editoras acadêmicas argumentaram que os escritores não necessitavam dessa renda e que de outra maneira não era possível publicá-los. Em um ambiente em que a palavra de ordem é “publique ou morra”, os acadêmicos tiveram que acatar às condições destas revistas para promover-se e permanecer em seus cargos.

O ambiente acadêmico mudou novamente e sobram boas razões para criticar essa tendência.

A cessão de direitos do autor é uma prática antiética quando os acadêmicos não têm um emprego permanente. Este é o caso de um crescente número de professores universitários que não têm dedicação exclusiva e recebem por aulas ministradas. Deve-se levar em consideração que muitos dos contratos vigentes não contemplam o pagamento de um salário durante as férias de verão, o que significa que só há trabalho em nove ou dez meses ao ano. Os salários são baixos e os cursos podem se encerrar sem aviso prévio, deixando o acadêmico sem remuneração.

Nas últimas décadas houve uma explosão de cursos pertencentes ao campo da indústria criativa. Não se trata só das clássicas escolas de arte e música. Agora as universidades oferecem diplomas acadêmicos em escrita criativa, design, poesia, teatro, arte circense e outras disciplinas que preenchem as cotas oferecidas pelas instituições de ensino. Se escrevemos um poema durante as horas de trabalho ou durante o período das aulas, isto implica que a universidade pode reclamar para si os direitos do autor? Os poetas são, talvez, os mais mal pagos dentre todos os artistas, portanto não é justo que um poema seja considerado da mesma forma que a patente de uma invenção científica, cuja criação se realizou durante o tempo em que se trabalhou na universidade, utilizando suas instalações. A lei dos direitos autorais está desenhada em torno do processo de inovação científica – o tipo de criação convencionalmente mais cotado. No entanto, o poeta é tratado como se seu poema fosse lhe render milhões de dólares durante os setenta anos seguintes. Soa completamente ridículo, mas é o que algumas casas editoriais exigem dos autores quando um contrato inclui a frase “cessão de direitos do autor”, os mesmos direitos que as instituições reivindicam para si.

Na realidade, nenhum editor precisa dos direitos autorais. Apenas uma licença exclusiva é o suficiente. A única diferença entre a cessão e a licença ocorre com o falecimento do autor. Os direitos autorais se mantêm nas mãos dos estúdios cinematográficos, universidades, imprensa e revistas acadêmicas. A duração padrão dos direitos autorais nos Estados Unidos, Europa e Austrália é a vida do autor e mais setenta anos.¹⁸ Quem poderá se beneficiar por tanto tempo? Dentre as editoras independentes, pouquíssimas, já que em sua grande maioria elas são dependentes da energia e da visão de seus fundadores. Uma realidade bastante distinta da dos estúdios, das universidades e revistas acadêmicas, que seguirão funcionando e se beneficiando dos direitos adquiridos.

¹⁸ As exceções são as publicações do governo, em que esse período corresponde a cinquenta anos contados a partir da primeira edição, e as dos anônimos – quer dizer, as publicações de empresa sem um autor individual nomeado –, para as quais o período corresponde a setenta anos contados a partir da primeira edição.

O “direito moral” é o direito mais importante do qual se desprendem três direitos em separado, que só podem ser exercidos por indivíduos. Ele inclui o direito de atribuição, o direito de não atribuir falsamente e o direito à integridade do autor, que proíbe um trato vexatório à reputação do escritor.¹⁹ O direito moral é particularmente importante para quem resiste ao *status quo*. As feministas, os militantes contra o racismo e os ambientalistas muitas vezes veem suas palavras distorcidas ou mal interpretadas. Isso é uma violação ao direito moral do autor. Por exemplo, se uma música contra a indústria madeireira é utilizada para promover a extração de madeira de áreas consideradas Patrimônio Mundial, o ato claramente constitui uma violação à integridade da autoria. Outro elemento é a atribuição correta e seu correlativo que é evitar a falsa atribuição. Dado que os escritores que estão fora dos discursos e relatos convencionais são, com frequência, os criadores de novas ideias e de novas formas de expressá-las, a reivindicação do direito moral por parte do editor independente é de grande importância para a defesa e o reconhecimento destes autores.

¹⁹ COMLAW. Copyright Amendment (Moral Rights) Act 2000 – C2004A00752.



m tamanho veste todos

Por fim, convenci os editores de que mencionar meu retorno sobre o capital investido foi central para todo o sentido do texto subsequente; que minha história se tornou uma de extrema paranoia sem a informação de que sou negro; ou que se tornou aquela em que o leitor teve de preencher a lacuna por suposição, presunção, pré-julgamento ou preconceito. O que foi mais interessante para mim nesta experiência foi como a aplicação cega dos princípios da neutralidade, através do dispositivo da omissão, agia tanto para me fazer parecer louco quanto para fazer o leitor participar de velhos hábitos de preconceito cultural.

Patricia J. Williams. *The Alchemy of Race and Rights.*

No movimento para globalizar a publicação e a distribuição de livros, o desejo de homogeneizar é evidente. Fora da indústria global, existem livrarias e editoras independentes que operam de diferentes maneiras. Cada uma é atenta ao contexto local, bem informada sobre as questões sociais, políticas e culturais locais. Uma livraria em uma área central da cidade tem uma clientela diferente daquela em um ambiente suburbano ou rural. Da mesma forma, uma livraria que atende a um grande grupo multicultural ou a um grupo social específico, estocará títulos para satisfazer essa necessidade local. Uma franquia irá, em geral, manter um estoque em suas lojas que é praticamente o mesmo. Elas solicitarão um estoque atípico para os clientes, mas é improvável que atendam às necessidades locais. Um problema adicional é a criação de um “monopsônio”, no qual o comprador tem um domínio tão poderoso sobre o mercado que pode forçar a queda dos preços (o oposto de um monopólio, em que um único vendedor pode forçar o aumento dos preços). O resultado é uma economia falsa para os consumidores, porque os editores deixarão de existir se uma grande porcentagem de sua produção não for economicamente viável.

É fácil ver como a bibliodiversidade reflete a biodiversidade.

O ambiente ecológico que é biodiverso responde às condições locais de chuva, tipo de solo, temperatura, fatores eólicos e afins. Um ambiente ecológico no qual os insumos externos são praticamente os

mesmos (por exemplo, em vez de trabalhar com as chuvas locais, as plantações são irrigadas, ou são fertilizadas para tornarem-se solo padrão, ou são usados pesticidas) produzirá culturas homogeneizadas que requerem pouco esforço para serem vendidas no mercado global (pois a mesma comercialização pode ser utilizada para a mercadoria homogeneizada). As multinacionais e os comerciantes autônomos argumentam que a qualidade geral é mais estável para que os varejistas e clientes saibam o que estão comprando. Em sua comercialização, eles minimizam os efeitos adversos de pesticidas, organismos geneticamente modificados (OGM) e outros insumos desnecessários. Eles alegam que os produtos são mais baratos. Eles nunca levam em consideração os impactos de longo prazo de consequências externas, que podem incluir câncer, sistema imunológico comprometido e aumento de reações alérgicas. Enquanto isso, eles financiam suas próprias pesquisas para mostrar como cada movimento é benéfico.

A editoração global opera na mesma base. Livros que não ameaçam o *status quo*, que não questionam política ou imaginativamente a visão dominante, são publicados em grandes tiragens. Eles são colocados em pilhas abarrotadas na frente dos pontos de venda (muitas vezes mal reconhecíveis como livrarias). Eles se oferecem como “3 pelo preço de 2” ou com desconto ou em grandes formatos que usam mais recursos (externalidades editoriais) para imprimir e distribuir. Poucos autores recebem grandes adiantamentos, e a renda de outros que não pertencem a essa categoria, diminui. Esses grandes avanços são outro tipo de externalidade, porque vêm com enormes orçamentos de marketing, viagens ao exterior e a propaganda celestial de acompanhamentos de cadeias de hotéis, franquias, companhias aéreas e até serviços de vinho e bufê.

A homogeneização da editoração produz alguns autores famosos, a maioria dos quais escreve sobre uma versão distorcida e popularizada de uma ideia de dez ou vinte ou cinquenta anos atrás, mas que é diluída e tornada palatável para o sabor generalizado do leitor desinformado. Essas ideias são então vendidas como se

tivessem alguma semelhança com a ideia original. Às vezes, elas são simplesmente mal feitas; outras vezes, são venenosas, distorcendo as ideias a tal ponto, que os criadores originais estremecem cada vez que suas palavras são repetidas em contextos irreconhecíveis. Como se o tomate vermelho brilhante, mas sem gosto, do supermercado fosse o tomate suculento, adocicado e intenso da horta doméstica de cinquenta anos atrás. Gradualmente, as expectativas dos clientes mudam. Os leitores param de exigir livros bem editados, estruturados com imaginação e construídos com cuidado. Em vez disso, eles adquirem textos obscuros, turvos e repletos de erros, textos que são sem sentido e inacessíveis. Na outra ponta do mercado estão os livros clichês, superficiais, previsíveis e simplistas. Que ótimo momento para desistir de ler, ligar seu computador, sua TV, seu tablet, seu telefone ou qualquer que seja o dispositivo eletrônico mais recente e se perder no caos da pornografia, esportes, vídeos de gatinhos ou nos cada vez mais consumidores de tempo, os círculos sociais de amizade online.

Quando Don Watson²⁰ escreveu *Death Sentence: The Decay of Public Language*, ele esqueceu a palavra mortal gênero, embora ele tenha incluído termos como *capacitar* e *êxito*. Mesmo em seu trabalho mais recente, *Dictionary of Weasel Words*,²¹ com longas listas, ainda deixou de incluir a palavra gênero. Ele esqueceu, pois homens sabem que gênero não se aplica a eles. Assim como pessoas brancas sabem que racismo é algo que elas podem ignorar, e as pessoas de classe alta estão sempre reclamando que a classe trabalhadora e pobre só tem a si mesma para culpar por sua situação de classe, ou que classe é o resultado de escolhas que as pessoas fizeram.

Mas racismo e pobreza são situações humanas reais. A maioria das pessoas que enfrenta o impacto do racismo pertence a grupos de pessoas cujas terras foram roubadas, cujos meios de subsistência foram transferidos de atividades autônomas e autossustentáveis para

²⁰ WATSON. *Death Sentence: The Decay of Public Language*.

²¹ WATSON. *Dictionary of Weasel Words*.

dependentes do colonizador, do proprietário de escravos, do cafetão, do chefe corporativo ou do “chefão do crime” que comanda uma rede de proteção.

Desta forma, a misoginia também é real. Resulta em assassinato, estupro e agressões de milhares de mulheres a cada ano. Não se trata de “gênero”, mas de mulheres como uma categoria sexual. A grande maioria das pessoas mais pobres do mundo são mulheres. Como o geógrafo Joni Seager concluiu: “As mulheres constituem o maior grupo de pobres. Elas estão entre os mais pobres de todos os pobres”.²²

Se movimentos sociais progressistas levarem esse fato a sério, seria necessário repensar políticas, e os objetivos dessas políticas. É um truismo dizer que, se os mais pobres e despossuídos deixassem de ser pobres e despossuídos, a vida de todos poderia ser considerada razoavelmente boa. Alguns dos super-ricos ou superdotados podem não ter tanto dinheiro, mas, desde que haja excesso de bagagem, não fará falta. E a falta de dinheiro não será uma ameaça; na verdade, pode muito bem melhorar a vida dos bilionários entediados e cínicos que não sabem mais o que fazer consigo mesmos em sua condição superestimulada e frequentemente entorpecida.

A misoginia e o racismo são muito importantes para se opor. As mulheres estão sob constante ataque daqueles que criam imagens sexualizadas, de ameaças de violência e da violência real, seja o “estupro corretivo” de lésbicas, abuso sexual de meninas e meninos, ou a violência com fotos e vídeos compartilhados on-line e em dispositivos móveis. A violência “convencional” contra mulheres em casa, na rua e no local de trabalho continua à medida em que novas formas são encontradas: “futebol de *lingerie*”, bordéis homogeneizados, tráfico de mulheres nas fronteiras e dentro dos estados.

A prática de homogeneização também sustenta estruturalmente a ideologia do racismo. A alteração do desconhecido. Os poderosos, em seu próprio senso de direito, têm grande dificuldade em reconhecer

²² SEAGER. *The State of Women in the World*, p. 121.

sua incapacidade de sentir empatia por qualquer pessoa que não tenha os mesmos tipos de direitos.

O racismo não pode ser reduzido nem à teoria racista, nem à prática racista. Teoria e prática não cobrem todo o campo do racismo, que se estende além do pensamento consciente. Como ideologia, o racismo é opaco, inconsciente de seu próprio significado.²³

O racista não considera o conceito de “branquitude”²⁴ como problemático, apenas outras cores de pele ou características associadas a um grupo odiado. Trata-se de marcar o corpo do outro. No caso do racismo, isso ocorre principalmente pela cor da pele, mas pode estar também na forma de vestir ou nas marcas do corpo (tatuagens, penteados, ornamentação facial e corporal). No mundo do racista, o corpo “não-marcado” é “branco”. Essa “marca” se estende a outros grupos, cada um por sua vez destacando uma diferença com relação ao corpo não marcado. O corpo marcado é estendido às mulheres,²⁵ aos deficientes,²⁶ aos loucos,²⁷ aos imprevisíveis;²⁸ e, assim como a ideologia racista, aos discursos de heterossexualidade.²⁹ Desafiar as ideias dos “não marcados” é fundamental para o conceito de publicação bibliodiversa. Os editores que assumem a intenção de contribuir para a bibliodiversidade desafiam os estereótipos que às vezes são associados às “sensações de publicação”. O sucesso nas margens pode significar que um autor é rotulado como “exótico”, uma “feminista raivosa” ou a voz do traumatizado ou do sexualmente desafiador. Isso, então, se torna a base de novos estereótipos. Os editores que simplesmente seguem os últimos sucessos editoriais podem produzir publicações tampão de cores diferentes. Isso é o oposto de incentivar a bibliodiversidade.

²³ GUILLAUMIN. *Racism, Sexism, Power and Ideology*, p. 29.

²⁴ MORRISON. *Playing in the Dark: Whiteness and Literary Imagination*, p. 9-10.

²⁵ HAWTHORNE. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Bio/diversity*.

²⁶ MAIRS. 'On Being a Cripple'.

²⁷ JEFFS. *Poems from the Madhouse*.

²⁸ HAWTHORNE. 'From Theories of indifference to a Wild Politics'.

²⁹ WITTIG. *The Straight Mind and Other Essays*, p. 25.

SO

solo

*Eu dobrei de idade e estou aprendendo
as propriedades internas da vaca
mantenha-se firme, dizia meu pai
a maior vaca do rebanho
liberta-se e corre direto para mim
eu aceno meus braços e agito a vara no final do meu braço
ela ainda está correndo
eu pulo e grito e aceno
dois metros antes e eu sou história
ela vira para o lado e retorna para o rebanho*

*eu encontrei minha vaca dentro de mim
eu aprendi a propriedade interna
que ela cederá se você ficar firme
mantenha-se firme, digo a mim mesma
até a vaca interna se impressiona*

Susan Hawthorne. Cow.

Eu cresci na zona rural da Austrália. Tive a sorte de ser criada em uma casa que tinha livros e onde a leitura e a narração de histórias eram incentivadas. Não tínhamos acesso fácil a bibliotecas, e a TV só apareceu depois que minha infância acabou. Tínhamos um cinema local ao qual íamos pelo menos uma vez por semana – às vezes, duas. Eu costumava pensar que ser uma garota do interior da Austrália era uma desvantagem. Mas esse conhecimento interiorano que eu pensava me prejudicar, a longo prazo, veio a ser a herança mais valiosa que possuo.

Com esse histórico, tornei-me escritora e editora. Eu herdei da minha mãe o amor pelos livros e da minha avó o amor por contar histórias. Durante a minha vida, eu pertenci a muitos sistemas de conhecimentos marginais e quando entrei para o mundo da edição lembrei-me do conselho de Valerie Solanas, que implorou às mulheres que não fossem “garotinhas buscando atenção do papai”,³⁰ mas que “se tornassem membros da força de (não) trabalho”³¹ e que mudassem o sistema.

Outro elemento importante da minha infância foi a natureza. Crescendo em uma fazenda, com a mata nativa como nosso playground, acabei desenvolvendo uma profunda conexão com o mundo natural

³⁰ SOLANAS. *SCUM Manifesto*, p. 41.

³¹ *Ibidem*, p. 42.

que não pode ser totalmente expressa em palavras. Meus pais tinham um senso intuitivo de ecologia; eles se preocupavam com as árvores, com a necessidade de sombra para as ovelhas. E embora eles usassem as tecnologias de seu tempo, pesticidas e fertilizantes, eles nunca foram descuidados, e foi minha mãe quem mencionou o nome Rachel Carson para mim pela primeira vez. Em *Silent Spring*,³² Carson expôs os danos ao meio ambiente causados pelo DDT e outros pesticidas. Como fazendeira e intelectual, minha mãe ficou tocada com *Silent Spring*. Eu era muito jovem para saber o que eles tinham feito antes, mas depois de ler este livro, meus pais tomaram mais cuidado e, embora continuassem a usar pesticidas, o faziam com moderação. Eles garantiam que nós, crianças, nunca estivéssemos por perto nessas ocasiões, e meu pai usava equipamento de proteção.

Então, qual é o objetivo de toda essa autobiografia? É que o pessoal é político. O solo é a base da ecologia. A semente natural afetará a biodiversidade e o tipo natural criativamente contribuirá para a saúde da cultura. Bibliodiversidade é a produção de conhecimentos locais e marginais fora do tradicional. Os produtores de bibliodiversidade habitam as margens: socialmente, politicamente e muitas vezes geográfica e linguisticamente.³³

³² CARSON. *Silent Spring*.

³³ NDUMBE. *Stopping Intellectual Genocide in African Universities*.

EM

ultiversidade

*Etnocentrismo
é a tirania da estética ocidental.*

*Gloria Anzaldúa.
Borderlands/La Frontera.*

O conceito de “multiversidade”³⁴ é aquele que tem, em seu centro, o respeito pelos sistemas de conhecimento nascidos da experiência, bem como da pesquisa e do estudo. As interações entre diferentes sistemas de conhecimento são importantes no desenvolvimento de sistemas que valorizam o todo coletivo, o organismo autossustentável, as consequências e os contextos. O ugandês Paul Wangoola também propôs uma multiversidade.³⁵ Para ele, a multiversidade é um desafio às formas pelas quais o conhecimento se estrutura nos sistemas ocidentais, em particular nas universidades, onde a abstração e a desconexão territorial resultam em discursos especializados que não podem se comunicar entre si através de disciplinas. Ele propõe uma Multiversidade à la Mpambo, que resiste ativamente à modernização e que é acompanhada da “[des]conexão da cultura”.³⁶

O princípio orientador por trás do Mpambo é que, estando enraizado em suas próprias bases de conhecimento, as pessoas possam se engajar em diálogo, síntese, articulação, parceria, colaboração, na construção de sinergias e fertilização cruzada: tudo isso entre setores, conhecimentos, culturas e civilizações.³⁷

³⁴ É interessante notar a relação entre as palavras “universidade” e “universal”.

³⁵ Eu pensava ter inventado o termo “multiversidade” por volta do ano 2000, mas descobri em 2001 que Paul Wangoola já o tinha usado. O uso que ele faz, como um tipo diferente de universidade, é a aplicação mais comum do termo. O conceito de multiverso remonta há milhares de anos na cosmologia hinduísta.

³⁶ WANGOOLA. *Mpambo, the African Multiversity: A Philosophy to Rekindle the African Spirit*, p. 270-272.

³⁷ *Ibidem*, p. 274.

Os “conhecimentos marginais” contribuíram significativamente para o conhecimento feminista. O “multiversalista”, em contraste com o “universalista”, reconhece que os universais tendem a trabalhar contra os membros mais desprovidos da sociedade, uma vez que negam o valor do conhecimento dos desprovidos. O multiversalista, pelo contrário, reconhece que existem muitas formas de organizar o conhecimento, e que aqueles que vivem próximo ao mundo biofísico o conhecem melhor, e são mais versados sobre ele, sobre as suas condições locais; da mesma forma que os pobres, as mulheres e os marginalizados, por uma multiplicidade de razões, têm muito a oferecer com suas percepções e compreensão do mundo. Wangoola explica o nome:

Após a colheita, a mãe seleciona as melhores sementes para mantê-las cuidadosamente seguras para o plantio na próxima temporada. Depois disso, é dada permissão para comer o resto. Na língua lusoga de Uganda, mpambo significa que a melhor das sementes é guardada para reprodução.³⁸

O multiversalista reconhece um mundo no qual a existência de uma multiplicidade de formas alternativas de conhecimento é importante para o conhecimento humano como um todo.³⁹ A cautela aqui é o respeito pela importância da maneira como as formas de conhecimento são estruturadas, e a apropriação ou comercialização de tais conhecimentos resulta em sua distorção. Pois, assim como o dinheiro na sociedade indígena Warlpiri, na Austrália, transforma o significado social, o mesmo ocorre com a comercialização de ideias que são estruturalmente anátemas para uma economia não baseada em dinheiro.⁴⁰

A apropriação é central para a metodologia do capitalismo. Ela funciona por meio de uma instituição (meio de comunicação, universidade, empresa editora, ONG, corporação ou fundação), a partir de uma ideia apresentada por alguma pessoa ou grupo no limite da esfera intelectual pública. Essa ideia é então desvirtuada,

³⁸ *Ibidem*, p. 277.

³⁹ *Ibidem*, p. 273.

⁴⁰ BELL. *Daughters of the Dreaming*.

de modo que contém algumas das palavras, mas os conceitos são revirados e usados de maneiras não pretendidas originalmente; isto é, quebram-se os direitos morais dos criadores. Em seguida, essa forma distorcida é “vendida de volta” para aqueles que não faziam parte da criação das ideias, mas talvez ao lado, em direção à próxima geração. Essa ideia é então retomada, glamourizada, recebendo atenção da mídia, de festivais e de espaços educacionais. Aqueles que criaram a ideia original são ignorados ou difamados pelos usuários mais recentes da ideia porque, a esta altura, os criadores são informados de que estão errados.

Nos últimos anos, tem havido uma enxurrada de trabalhadores usando coletes fluorescentes e capacetes. O uso de tais roupas era originalmente uma questão de saúde e segurança para aqueles que trabalhavam em locais perigosos, como estradas, em algumas máquinas em fábricas ou locais semelhantes onde a visibilidade era importante. Em fevereiro de 2017, o CEO da fábrica da Ford em Geelong (Austrália) estava falando na TV usando sua roupa fluorescente; os políticos também costumam usá-la para maior visibilidade na mídia. É uma apropriação da ideia de classe trabalhadora. Se o CEO tiver a mesma roupa, talvez ele seja realmente um cara legal. Um de nós!

Apropriações semelhantes são feitas por céticos ambientais que envolvem sua mensagem antiambiental em uma capa de combate à pobreza e à fome. Um bom exemplo é o de que alimentos geneticamente modificados (GM) resolverão a fome mundial. Isso é propaganda enganosa e não é suportado por evidências.⁴¹ A chamada Revolução Verde, cujos fornecedores alegavam que traria prosperidade agrícola para a Índia, acabou sendo um desastre agrícola. Vandana Shiva aponta “como o empreendimento científico contemporâneo é política e socialmente criado e [...] se exime de toda responsabilidade pelos

⁴¹ CROUCH. *From Golden Rice to Terminator Technology: Agricultural Biotechnology Will not Feed the World or Save the Environment*, p. 22-39; SCHIMITZ. *Cloning Profits: The Revolution in Agriculture Technology*, p. 44-50; SHIVA. *Making Peace with the Earth: Beyond Resource, Land and Food Wars*; HAWTHORNE. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Biodiversity*.

seus fracassos”.⁴² Ela continua argumentando que o Punjab, onde tanto esforço foi colocado para criar uma “revolução verde”, tornou-se “uma região crivada de descontentamento e violência”. Em vez de abundância, Punjab ficou com solos deteriorados e plantações infestadas de pragas, com desertos alagados e agricultores endividados e descontentes”.⁴³ No agronegócio e na indústria farmacêutica, todo fracasso é uma nova oportunidade de negócio.⁴⁴

No movimento feminista, a maior apropriação tem sido a transformação da prostituição em “trabalho sexual” por cafetões, consumidores sexuais e apologistas da indústria do sexo, que afirmam falar em nome de “feministas”. Essa apropriação garante que as mulheres sejam mantidas na “posição horizontal”,⁴⁵ em que são exploradas, esperando-se que suportem a violência e finjam desfrutar de exposições pornográficas em que são agredidas e brutalizadas.⁴⁶

A indústria editorial frequentemente participa de apropriações que levam à dizimação das editoras independentes que publicam ideias de movimentos e para esses mesmos movimentos. As megalivrarias foram fundamentais para a dizimação das publicações feministas. Seriam os e-books o método a ser usado para matar a publicação ecológica?

⁴² SHIVA. *The Violence of the Green Revolution: Third World Agriculture, Ecology and Politics*, p. 23.

⁴³ *Ibidem*, p. 19.

⁴⁴ HAWTHORNE. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Biodiversity*.

⁴⁵ Em 1964, Stokely Carmichael disse: “Qual é o lugar das mulheres no SNCC? O lugar das mulheres no SNCC é horizontal” (Hayden & King, 1965). O SNCC foi o Student Nonviolent Coordinating Committee [Comitê de Coordenação de Não-Violência Estudantil]. Como recorda um conhecido meu, que é membro da SNCC, isso fez com que muitas mulheres abandonassem a organização pela qual tanto se esforçaram para apoiar.

⁴⁶ Para mais detalhes, ver: RAYMOND. *Not a Choice, Not a Job: Exposing the Myths about Prostitution and the Global Sex Trade*; SULLIVAN. *Making Sex Work: A Failed Experiment with Legalised Prostitution*; EKIS EKMAN, *Being and Being Bought: Prostitution, Surrogacy and the Split Self*; TANKARD REIST & BRAY. *Big Porn Inc.: Exposing the Harms of Global Pornography Industry*; DINES. *Pornland: How Porn Has Hijacked Our Sexuality*; JEFFREYS. *The Idea of Prostitution*; BRAY. *Misogyny Re-Loaded*; STARK & WHISNANT. *Not For Sale: Feminists Resisting Prostitution and Pornography*.

Produção

Hoje, a bibliodiversidade parece ameaçada pela saturação editorial e pela concentração financeira que acometem o mundo das publicações, o que pavimenta o caminho para a supremacia de alguns poucos conglomerados editoriais e a busca pela produtividade em larga escala.

International Alliance of Independent Publishers.
Bibliodiversity.

No livro *Close to Home*, Vandana Shiva introduz o conceito das fronteiras existentes entre a criação e a produção.⁴⁷ No mundo rural, hortas e animais cujo leite ou ovos são coletados para o uso doméstico não atravessariam a fronteira da produção. No mundo dos livros, a autopublicação também estaria fora dos limites da produção. Esses trabalhos não fazem parte do grande mercado porque são produzidos para o uso privado (o lucro não é a causa primária de sua existência) ou para o consumo doméstico ou altruísta. No cálculo do Produto Interno Bruto (PIB), esse tipo de criação é um suicídio econômico. Mas pensemos por um momento em alguns exemplos históricos.

Virginia Woolf foi publicada pela Hogarth Press, uma editora comandada por ela e por seu marido, Leonard Woolf. Ela fez um grande trabalho com a tipografia e o empacotamento de livros. Shakespeare and Company, uma livraria parisiense dirigida por Sylvia Beach e Adrienne Monnier, publicou *Ulisses*, de James Joyce (1918). Bryher (Winifred Ellerman) publicou de modo privado os trabalhos da poeta americana HD (Hilda Doolittle). Menciono esses três modernistas porque existem hoje indústrias literárias relevantes que cresceram ao redor do trabalho desses autores. Sob o modelo comercial de publicação, muito pouco de suas obras teria sido

⁴⁷ SHIVA. *Close to Home*, p. 104-141.

publicada, pois eles estavam abrindo novos caminhos, experimentando ou escrevendo de maneiras que simplesmente não eram populares naquela época. Todos eles, de certa forma, contribuíram com um impulso ecológico para o cultivo da biodiversidade. Quando Virginia Woolf definiu os tipos para a Hogarth Press, a tipografia já era uma arte de centenas de anos, o que exigiu que a escritora se tornasse tipógrafa. Woolf se envolveu na tomada do controle dos meios de produção e, atualmente, seria vista como uma autora que se autopublicou. Muito antes do crescimento em massa da autopublicação, Virginia Woolf refletiu sobre os benefícios de estar por dentro desse processo, a saber, de estar imune aos acasos do destino e livre das tendências que podem criar ou arruinar um escritor. De fato, Woolf se definia como “a única mulher na Inglaterra que é livre para escrever o que eu gosto”.⁴⁸

Eleanor Catton, a autora de *The Luminaries*, reafirma a importância da literatura para além do consumismo.

No seu melhor, a literatura é puro encontro: ela resiste ao consumo porque não pode ser esgotada nem expirar. Os laços que são formados entre leitores e escritores, entre leitores e personagens e entre leitores e ideias são significativos de uma forma que jamais seria possível para os laços estabelecidos entre consumidores e produtos. A literatura demanda curiosidade, empatia, admiração, imaginação, confiança, a suspensão do cinismo e a erradicação do preconceito; em troca, ela oferece ao leitor curiosidade, empatia, admiração, imaginação, confiança, a suspensão do cinismo e a erradicação do preconceito.⁴⁹

A biodiversidade, assim como a biodiversidade, não visa lucros. Ela tem como objetivo criar uma cultura literária duradoura e sustentável. A literatura e a oralitura geram cultura e são a base de filmes, peças de teatro, músicas, artes e muitas outras manifestações culturais. Imagine um mundo sem contos de fadas, poesia, canções e

⁴⁸ WOOLF. *A Writer's Diary*, p. 83.

⁴⁹ CATTON. *Eleanor Catton on Literature and Elitism*.

todas as formas de arte que aludem às histórias que os humanos têm contado ao longo de muitos milênios.

Ao escrever sobre biodiversidade, Timothy Swanson aponta:

A biodiversidade tem uma função específica no processo de P&D. Ela atua como uma fonte de novos estoques de informações que, por sua vez, podem servir de base para o desenvolvimento de inovações. Uma vez inserida no processo, ela é aos poucos assimilada pelo setor comercial e investigada como tal.⁵⁰

A edição convencional é igualmente dependente dos editores independentes para a pesquisa e desenvolvimento (P&D) cultural. Um dos problemas enfrentados por editores independentes é o de como manter as culturas vivas sem cometer o pecado da assimilação.⁵¹ Como nós podemos fazer isso? É importante ressaltar que é necessário ter a clara intenção de não assimilar; por exemplo, resistir à tentação de tornar a linguagem mais “aceitável” para os leitores em geral. Na Austrália, esse é um aspecto importante no trabalho desenvolvido com autores indígenas, já que o inglês australiano e o inglês aborígene não são idênticos. Da mesma forma, como editores australianos, nós lutamos para manter nossa australianidade, assim como a ortografia australiana, quando vendemos direitos para editores do Reino Unido ou dos Estados Unidos.

As línguas coloniais europeias – inglês, francês, alemão, holandês, espanhol e português – têm uma variedade de línguas da diáspora em todo o mundo colonizado. Os editores dessas antigas colônias estão constantemente debatendo o que é o padrão e o que não é. Além disso, as línguas originais dos países colonizados foram, em muitos casos, aniquiladas (é o caso da grande maioria das línguas indígenas

⁵⁰ SWANSON. *The Reliance of Northern Economies on Southern Biodiversity: Biodiversity as Information*, p. 6.

⁵¹ A palavra *assimilação* tem diferentes conotações culturais em inglês e em francês. Em inglês, quando usada em relação à assimilação cultural, significa que, por exemplo, uma pessoa de fora da Austrália deve assumir as normas sociais, a língua e os hábitos dos “australianos” (e não são os australianos aborígenes o grupo representado). Em francês, *assimiler* significa digerir, decompor algo, fazer desaparecer sua forma original; e, assim, não se consegue distinguir uma coisa da outra.

da Austrália). Onde as línguas efetivamente sobrevivem, aqueles que publicam em tais línguas descobrem que são superados pela língua dominante. Na própria Europa, a editora basca Txalaparta conseguiu sobreviver por cinquenta anos criando um clube do livro. Alguns livreiros espanhóis afirmam que não estocarão os livros da Txalaparta, pois alegam que eles são terroristas.⁵² Não é preciso ser chamado de “terrorista” para tornar os livros invisíveis ou difíceis de conseguir. Encontrar livros em línguas africanas, mesmo na África, é um desafio, e o mesmo pode ser dito das línguas indígenas e colonizadas em todo lugar.

Escritoras feministas enfrentaram desafios similares e têm que lutar para manter a linguagem e os conceitos feministas vivos diante da mídia e da reação, da apropriação e da distorção conservadoras.⁵³ Todas essas são batalhas contra a homogeneização assimilacionista.⁵⁴

⁵² SOTO. *Distribution and Promotion of Human and Social Sciences Books: What innovative strategies to succeed?*

⁵³ HAWTHORNE. *The Political Uses of Obscurantism: Gender Mainstreaming and Intersectionality*, p. 87-91; HAWTHORNE. *To Whinge or not to Whinge: Marginalising Feminist Writing in Australia*.

⁵⁴ Para uma discussão mais extensa sobre conhecimentos e homogeneidade cultural, veja: HAWTHORNE. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Biodiversity*, p. 86-109. Para uma crítica às políticas assimilacionistas, veja: HAWTHORNE. *The Political Uses of Obscurantism: Gender Mainstreaming and Intersectionality*, p. 87-91.



eminismo

*Se obedecemos, sinalizamos nossa docilidade
e nosso consentimento em nossa situação.
Não precisamos, então, ser notadas.
Aceitamos ser ignoradas, não ocupando nenhum
espaço. Participamos do nosso próprio apagamento.*

Marilyn Frye. Oppression.

Um elemento essencial na bibliodiversidade é o feminismo. Feminismo é o reconhecimento de que as mulheres são oprimidas e discriminadas em um contexto global. Não é o suficiente, contudo, apenas reconhecer essa opressão. Uma indispensável parte do feminismo é fazer algo para mudar essa situação.

A pobreza das mulheres, como diz Seager,⁵⁵ é replicada nas sociedades ao redor do mundo. A pobreza da mulher é também refletida na falta do poder de falar livremente e, junto com isso, que o seu discurso seja ouvido.

O feminismo traz novas perspectivas para a pobreza, para questões de poder presentes na sociedade. Traz significantes questões para os homens que mantêm o comportamento misógino enraizado na sociedade, que do contrário poderia ser fortemente criticado. Em outras palavras, o tratamento corporativo dos trabalhadores, dos mais contra os menos privilegiados, de determinadas culturas ou etnias, é fortemente analisado e criticado como opressão, como discurso de ódio, e reconhecido como politicamente e socialmente inaceitável.⁵⁶

⁵⁵ SEAGER. *The State of Women in the World*.

⁵⁶ Os nomes Fanon (*The Wretched of the Earth*), Said (*Orientalism: Western Conceptions of Orient*), Asante (*The Painful Demise of Eurocentrism: An Afrocentric Response*) são bem conhecidos, enquanto os nomes Mies (*The Subsistence Perspective: Beyond the Globalised Economy*), Anzaldúa (*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*) e Tuhiwai Smith (*Decolonising Methodologies: Research and Indigenous Peoples*) são

Quando as mesmas violações são cometidas contra as mulheres, elas são amplamente ignoradas.

O amor romântico é cúmplice na opressão das mulheres,⁵⁷ porque as mulheres são a única classe oprimida da qual se espera que ame seus opressores. E, mesmo que haja casos em que o escravo ama o seu dono e o refém ama o seu sequestrador, o que fica claro na opressão das mulheres é que essa situação é considerada normal. Isso é representado pelo fenômeno da Síndrome de Estocolmo,⁵⁸ na qual mulheres obedecem e até adoram os homens que as sequestraram. Essa situação, em que mulheres deveriam amar os homens que as oprimem, é raramente notada no cotidiano de homens e mulheres comuns.⁵⁹ Como Lara Fergus sugere,⁶⁰ as mulheres recebem “vistos de proteção temporários” nas residências dominadas por homens.

Sob regimes assim, mulheres – isto é, bilhões de pessoas nesse planeta – são representadas como um grupo homogeneizado que está procurando por apenas uma coisa: um homem. A mídia masculina, a indústria de propagandas, os mecanismos políticos, o setor educacional, as manufaturas de brinquedos, as empresas esportivas, a indústria farmacêutica e a indústria do sexo, por exemplo, enfatizam os corpos, a autopercepção, e a disponibilidade sexual das mulheres – para os homens.

Contra essa força imensa, feministas são ridicularizadas como mulheres que odeiam homens, numa manobra de reversão, apontada por Daly,⁶¹ que mais uma vez culpa as mulheres por todos os problemas do planeta. Mas, voltando ao problema da pobreza das mulheres: como é possível que os seres mais pobres dentre todos sejam os

conhecidos principalmente nas suas respectivas áreas de especialidade: colonização e feminismo, estudos sobre homossexualidade e indígenas. O que eles compartilham é o foco na vida das mulheres.

⁵⁷ GREER. *The Female Eunuch*; FIRESTONE. *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*; WITTIG. *The Category of Sex*, p. 1-8.

⁵⁸ Identificado por Judith Herman (*Complex PTSD: A Syndrome in Survivors of Prolonged and Repeated Trauma*, p. 377-391).

⁵⁹ GRAHAM; RAWLINGS; RIGSBY. *Loving to Survive: Sexual Terror, Men's Violence and Women's Lives*.

⁶⁰ FERGUS. *Elsewhere in Every Country: Locating Lesbian Writing*.

⁶¹ DALY. *Gyn/Ecology: The Meta-Ethics of Radical Feminism*.

responsáveis pelas guerras mundiais, pelo estupro e pela tortura de milhares de pessoas, pela destruição agrícola-cultural e ecológica do mundo, pela poluição da terra, dos mares, dos céus e até mesmo do espaço, pela rápida extinção de animais e plantas, pela mudança climática? Essas pessoas simplesmente não possuem os recursos para fazer qualquer uma dessas coisas. Na verdade, pesquisas mostram que quando mulheres têm dinheiro, elas o gastam em itens de sobrevivência, como comida, abrigo, medicamentos e educação para seus filhos e outros membros de sua família (independentemente de como é constituída); homens, por outro lado, tendem a gastar em luxuosos itens individuais para seu próprio consumo: álcool, tabaco, gasolina, drogas, apostas e prostitutas.⁶²

Parece haver uma preocupação em promover campanhas contra feministas por aqueles que possuem recursos e o poder distributivo de tecnologia.

⁶² HYNES. *Consumption: North American Perspectives*.



ornografia

Eles deixaram claro desde o início que o menor desvio da norma seria punido. Eles transformaram tudo em prisões, até mesmo nossos próprios corpos.

Abigail Bray. *Misogyny Re-Loaded.*

Um caso de teste aos interessados na bibliodiversidade é o caso da pornografia. Um certo número de editoras pequenas e independentes em diferentes países recorreram à publicação de pornografia para sobreviver. Elas justificam isso com base no fato de que a pornografia retorno financeiro que permite publicar outros livros interessantes.

O que a pornografia faz? E para quem? A pornografia humilha a pessoa do outro lado da câmara, cuja imagem é então publicada convencionalmente ou eletronicamente. É esperado que essa pessoa esteja em consenso com a humilhação, a dor, a degradação e a desumanização. É esperado que essa pessoa aceite ser retratada como se fosse suja, imunda, e nada além de um buraco, e como uma escrava. Essa pessoa é quase sempre uma mulher. A pornografia trata todas as mulheres como se elas fossem iguais; isso homogeneiza as mulheres e faz delas um grupo para ser explorado e diminuído de todas as formas exaustivas e repetitivas.

Quem lucra com a pornografia? Os capitalistas, as empresas e pessoas em busca de dinheiro rápido e as corporações com grandes remunerações publicitárias. Como relata Gail Dines,⁶³ a indústria pornográfica global faturou 96 bilhões de dólares em 2006, arrecadando 13 bilhões de dólares só nos Estados Unidos.

⁶³ DINES. *Pornland: How Porn Has Hijacked Our Sexuality*, p. 47.

O mercado cresce significativamente a cada ano e, agora, oito anos depois, deve ter um valor ainda maior. No fim das contas, homens se beneficiam porque adquirem um senso de poder ou um senso de companheirismo com seus iguais.⁶⁴

Que tipo de estrutura social permite que um grupo (mulheres) seja tão explorado por outro (homens) e ainda possuir apoiadores entre progressistas que acreditam que o pornô seja “apenas divertido e engraçado” e que nos ajuda a manter vivas as nossas casas editoriais?

Nem a pornografia nem o racismo nem quaisquer outras formas de ódio institucionalizado podem ser parte de uma indústria editorial bibliodiversa. Tratar mulheres como uma monocultura não contribui para a bibliodiversidade. A pornografia e a prostituição operam de modo similar à escravidão, que deprecia a ambos, escravo e senhor.⁶⁵

A bibliodiversidade está sedimentada no respeito pelo outro, em dinâmicas equilibradas na sociedade e em uma rejeição às monoculturas. Pornografia, racismo, machismo, homofobia, assim como discriminação baseada em religião, etnia, (d)eficiência, faixa etária, casta, classe social e sexualidade, todos surgem do desrespeito e – em seu potencial máximo – ódio em relação ao outro. Sob tal regime, um equilíbrio dinamizado jamais pode ser alcançado. De modo similar, as monoculturas sobrepõem os ecossistemas biodiversos da mesma forma que a pornografia toma o lugar de uma multiplicidade que apreende as diferentes experiências tidas pelos indivíduos que não se encaixam no modelo de homens jovens, heterossexuais, independentes e, comumente, de classe média. Do mesmo modo como a “branquitude” tem sido criticada, também a “masculinidade” e seus apoios institucionais devem ser levados em consideração.⁶⁶

⁶⁴ STARK; WHISNANT. *Not for Sale: Feminism Resisting Prostitution and Pornography*.

⁶⁵ TANKARD REIST; BRAY. *Big Porn Inc.: Exposing the Harms of the Global Pornography Industry*. CACHO. *Slavery Inc.: The Untold Story of International Sex Trafficking*.

⁶⁶ Para críticas quanto ao racismo e à branquitude, ver Morrison (*Playing in the Dark: Whiteness and Literary Imagination*) e Jensen (*The Heart of Whiteness: Confronting Race, Racism and White Privilege*). Para críticas acerca da masculinidade, ver Stoltenberg (*Refusing to Be a Man*), Jensen (*Getting Off: Pornography and the End of Masculinity*) e Barry (*Unmaking War Remaking Men*).



livre comércio e liberdade de expressão

Palavra a palavra, elles se impôs como sujeito soberano. Só então puderam aparecer il(s), they-he, reduzidos e separados da linguagem.

Monique Wittig. *The Mark of Gender*.

É interessante constatar que quem defende o livre comércio são os mesmos que, muitas vezes, se declaram defensores da liberdade de expressão. Mas a palavra livre é ambígua e só o contexto pode nos indicar se está se referindo à liberdade, ou à libertinagem. No caso da expressão “livre comércio”, podemos dizer que livre se refere à exploração dos pobres, dos colonos e dos menos poderosos. O termo “liberdade de expressão” é inofensivo, mas é considerado, com frequência, politicamente importante para alcançar a liberdade social, porém, basta uma breve análise para se dar conta de que a liberdade de alguns é mais importante que a de outros e isso é determinante para entender o que, de fato, se quer expressar quando se diz liberdade.

O objetivo dos tratados de livre comércio é garantir às grandes economias que não haja obstáculo algum quando quiserem fazer negócios. E à medida que as pequenas economias se enfraquecem, elas se tornam cada vez mais dependentes das corporações. Sempre critiquei os acordos de livre comércio, não só pelos seus efeitos na economia, mas também pelo tipo de linguagem que estes tratados utilizam.

A linguagem associada ao livre mercado e à livre escolha deturpa de tal forma a ideia de liberdade, que esta chega a entrelaçar-se e confundir-se com o conceito de responsabilidade. É curioso que, para a racionalidade da

economia neoclássica, para a globalização e para os mantras do livre comércio recitados sem cessar pelas multinacionais, a liberdade não está de forma alguma associada à responsabilidade. No mundo do comércio internacional, as multinacionais, o Governo dos Estados Unidos e as instituições, como a Organização Mundial do Comércio, competem em um jogo livre e completamente irresponsável. Como eles são os maiores jogadores, conseguem fazer as regras, jogar em uma quadra desnivelada e marcar pontos.⁶⁷

Lamentavelmente, nada mudou para melhor desde que escrevi esse texto. Pior ainda, a crise financeira mundial de 2008 desnivelou a quadra ainda mais. Quase ninguém se incomoda em marcar algum ponto, já que é óbvio que os ganhadores de sempre levarão tudo. De fato, parece que hoje o “capitalismo do desastre” se converteu em *modus operandi* por excelência.⁶⁸

O mundo editorial copiou o modelo do livre comércio, e a cada dia as megaeditoras e as grandes redes de livrarias crescem sem parar. Na Itália, a Mondadori é a maior casa editorial, e é controlada pela Fininvest, o holding de empresas da família do ex-presidente italiano Silvio Berlusconi. Sua filha, Marina Berlusconi, é a presidenta. Esse cruzamento entre o mercado editorial e a política não é tão incomum, como demonstrou abertamente o empresário Rupert Murdoch quando começou a intervir nos meios de comunicação do Reino Unido, dos Estados Unidos e da Austrália com seus próprios posicionamentos políticos. Esses dois exemplos representam os piores excessos dos supostos livre comércio e liberdade de expressão. Utilizo a palavra *supostos*, porque em ambos os casos têm ocorrido muita interferência no comércio e no discurso dos outros.

Entre os maiores defensores da liberdade de expressão estão a indústria da pornografia e a da prostituição, que “concedem” liberdade à mulher para desenvolver sua sexualidade. O verdadeiro objetivo desse argumento – especialmente usado nos Estados Unidos,

⁶⁷ HAWTHORNE. *The Australia–United States Free Trade Agreement*, p. 29.

⁶⁸ KLEIN. *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*.

onde a liberdade de expressão é um direito constitucional – é garantir a liberdade de explorar, vender e brutalizar quem se prostitui – em sua grande maioria, as mulheres. Quando as feministas criticaram a indústria pornográfica, esta se defendeu dizendo que estavam violando sua liberdade de expressão. A porta-voz dessa indústria é a Aliança pela Liberdade de Expressão, fundada em 1991 com o objetivo de proteger as indústrias de pornografia e de entretenimento para adultos da restrição à sua “liberdade de expressão”. Seus meios de comunicação utilizam a linguagem das liberdades e dos direitos civis, o que é uma distorção absoluta dessas ideias, que são a bandeira de luta dos indefesos contra os poderosos. Agora, isso está completamente distorcido. Se os legisladores e filósofos levassem em conta o raciocínio lógico, social e ético das feministas em relação à “liberdade de expressão”,⁶⁹ não defenderiam a quem realmente abusa dela; no entanto, eles têm medo até de pensar em violar a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos que garante isso.

“As pessoas têm direito a ser intolerantes”, declarou o Promotor Nacional da Austrália, George Brandis, no Senado em 24 de março de 2014.⁷⁰ O promotor estava defendendo a revogação da seção 18C da Lei de Discriminação Racial,⁷¹ proposta pelo governo liberal. A lei protege os que são ofendidos, insultados, humilhados ou intimidados por causa de sua raça.⁷²

Embora o assunto dos atos de fala ter sido bastante debatido na Austrália, infelizmente os parâmetros utilizados na descrição são tão inadequados que só resta dizer que, se a seção 18C da Lei de

⁶⁹ MCELELLAN. *Unspeakable: A Feminist Ethic of Speech*.

⁷⁰ HARRISON; SWAN. Attorney-General George Brandis: “People do Have a Right to be Bigots”.

⁷¹ No ano de 2011, o jornalista da direita conservadora Andrew Bolt foi processado por violar a seção 18C da Lei de Discriminação Racial, onde se estabelecem as disposições contra a difamação causada por pertencer a uma determinada raça. Seus advogados e, posteriormente, George Brandis argumentaram que os comentaristas dos meios de comunicação deveriam contar com maior liberdade de expressão. Essa visão foi questionada pelas comunidades indígenas, judias, muçumanas e de imigrantes na Austrália. Também foi criticada pelas organizações feministas, pelos menos capacitados, LGBTI (Lésbicas, Gays, Transexuais e Bissexuais) e Direitos Humanos.

⁷² COMLAW. Racial Discrimination Act 1975 – Section 18C – C2013C00013.

Discriminação Racial fosse modificada, a possibilidade de que os poderosos insultem ou mintam livremente é maior do que daquelas pessoas cegas pelo ódio – racistas ou homofóbicos. No lugar da liberdade de expressão, Brandis e outros exigem a liberdade para ser intolerante.

A intolerância está se impondo sobre a imparcialidade nas relações humanas. Se o conceito de “liberdade de expressão” fosse bem recebido no debate, o nível seria elevado. Não devemos esquecer que, acima de tudo, a igualdade e a justiça devem prevalecer.



omércio justo e igualdade de expressão

*Não existem muitos dispostos
a renunciar às relações de poder.
Os indefesos também se apegam a uma ideologia
na esperança de que enquanto a ideia existir
poderão escapar dos impotentes, alcançando de
alguma forma, de qualquer forma, o poder.
Claro, desde que a estrutura conceitual
do próprio “poder” seja valorizada
(especialmente se enaltecida pelos Oprimidos!)
não resta esperança para nenhum de nós.*

Ti-Grace Atkinson. *Amazon Odyssey.*

Existem duas formas de abordar o conceito de igualdade: uma é a “igualdade de oportunidades” e a outra a “igualdade de resultados”.

Nas constituições de inspiração liberal, há um grande esforço para promover a igualdade de *oportunidades*. Isso significa que haverá trabalho para todos os que possuam as qualificações requeridas (crença inerentemente ligada ao sistema da meritocracia). Porém a igualdade de oportunidades frequentemente não funciona para os oprimidos, pois ainda que todos possam seguir o mesmo caminho, com o objetivo de cruzar a mesma porta, sempre aqueles que pertencem ao grupo dominante têm a chance de caminhar mais rápido e cruzar a porta muito antes dos demais. No caso de homens e mulheres, sabemos que é bem provável que os homens sejam contratados e promovidos de cargo muito mais rapidamente do que qualquer outra mulher em uma posição similar – ainda que ela tenha o mesmo grau de instrução e as mesmas habilidades para exercer a função.

À primeira vista, a igualdade de oportunidades se mostra como a solução para o problema da desigualdade, mas se todas as estruturas sociais de discriminação se mantêm, seu efeito é nulo. Daí a importância das políticas públicas com ênfase na igualdade de *resultados*, mesmo quando os apologistas da desigualdade as consideram injustas. É curioso observar que aqueles que repetidamente usam este argumento assistem às corridas de cavalo e admitem o

conceito de *handicap* sem nenhum problema. A razão? Se alguém tivesse a certeza de qual cavalo venceria, não haveria qualquer incerteza e ninguém se interessaria em ir às corridas. Logo, para que existiria a indústria de jogos de aposta?

A igualdade de resultados assegura a incerteza em relação a quem conquistará a vaga. Isso também é usado nas Paraolimpíadas para igualar as chances de vitória entre os atletas com habilidades especiais. Aplicada ao mundo laboral, as pessoas pertencentes aos grupos étnicos não dominantes, as mulheres, os pobres, as pessoas com deficiência, os idosos e os jovens teriam maiores chances de conseguir emprego.

No âmbito da indústria literária, alguns países oferecem subsídios para editoras apoiarem a publicação de escritores. Este é o caso da Austrália, onde o Conselho Australiano para as Artes concede uma subvenção para as editoras que publicam autores locais. As megaeditoras têm a mesma oportunidade de solicitar e receber estes fundos, mesmo quando faturam muito mais do que as editoras pequenas e independentes. Surpreendentemente ninguém protesta por essa diferença nem a considera injusta. As regras da Organização Mundial do Comércio estabelecem que a empresa privada não deve ser excluída dos subsídios governamentais, a não ser que os governos tenham decidido o contrário em suas políticas.⁷³

E que importância tem tudo isso para o mercado editorial? Muita, por estar diretamente relacionado ao debate sobre a liberdade de expressão. O que se denomina “liberdade de expressão”, frequentemente, nada mais é do que a habilidade dos poderosos de manifestar seus pontos de vista ampla e vigorosamente e, assim, abafar os pontos de vista, as opiniões e a liberdade de expressão daqueles que eles não desejam ouvir.

⁷³ Para mais informações sobre a Organização Mundial do Comércio, conferir Hawthorne (*Wild Politics: Feminism, Globalisation and Bio/diversity*). Sobre o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS, na sigla em inglês), ver Hawthorne (*GATS and Women: To what extent will women lose as the General Agreement of Trade in Services becomes embedded in the global economy*). Sobre o Comércio Cultural, ver Australian Council (*Cultural Trade Background Report*).

Em *Unspeakable*,⁷⁴ a autora Betty McLellan estabelece correspondências entre o livre mercado e o comércio justo e entre a liberdade de expressão e a igualdade de expressão. Aqui apresentamos, resumidamente, suas principais observações:

- O livre comércio e a liberdade de expressão favorecem aos poderosos;
- O livre comércio e a liberdade de expressão promovem e estabelecem a desigualdade;
- O livre comércio e a liberdade de expressão estão centrados no indivíduo;
- O livre comércio e a liberdade de expressão ignoram a qualidade de vida.

McLellan não desenvolve os seguintes axiomas, mas estes são consequência de suas ideias:

- O comércio justo e a igualdade de expressão descentralizam o poder;
- O comércio justo e a igualdade de expressão promovem a justiça e o tratamento justo;
- O comércio justo e a igualdade de expressão têm como foco o compromisso e o bem-estar comum;
- O comércio justo e a igualdade de expressão insistem na ascendência da vida sobre o lucro.

Seus argumentos sintonizam-se perfeitamente com a ideia de bibliodiversidade, porque a igualdade de expressão incentiva a divulgação de vozes marginais, oferecendo ao público a chance de

⁷⁴ MCLELLAN. *Unspeakable: A Feminist Ethic of Speech*.

escutá-las e lê-las. Como dissemos anteriormente, as megaeditoras geralmente replicam as fórmulas dos *best sellers* e raramente ousam publicar algum autor ou texto pouco convencional. As editoras realmente independentes, que não recebem auxílio das corporações ou outras instituições educacionais, ou religiosas, ou quaisquer formas de patrocínio que possam interferir em suas decisões são as que publicam as vozes mais arrojadadas, mais inovadoras, mais controversas, marginais e criativas.

A igualdade de expressão é precisamente o que a Aliança Internacional dos Editores Independentes representa quando afirma:

Nos declaramos plenamente solidários com todos nossos colegas editores, autores e outros profissionais do livro que sofrem atualmente ameaças, agressões morais ou físicas, ou privação de liberdade, que colocam em sério risco suas atividades e suas vidas. Além disso, constatamos o desenvolvimento de formas de censura menos diretas, tanto por vias administrativas – bloqueios nas alfândegas, impostos arbitrários etc. como por vias jurídicas e financeiras, ou aquelas resultantes de mecanismos de autocensura. O fenômeno da concentração econômica, com uma lógica puramente mercantil do trabalho editorial e dos meios de comunicação, reforça de maneira direta ou indireta diferentes formas de censura ou contribui para seu surgimento.⁷⁵

Para os que já contam com grandes recursos a nível mundial, tanto a igualdade de oportunidades, que mantém o *status quo* inalterado, como o livre mercado da economia global representam grandes vantagens e benefícios. A capacidade que possuem para fazer negócios livremente repousa nos acordos internacionais promovidos pelas grandes economias que buscam o benefício próprio.

A liberdade de expressão que reivindicam Rupert Murdoch e a indústria do pornô procura silenciar os que não têm o apoio dos impérios midiáticos para respaldá-los. As vozes das mulheres

⁷⁵ INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. *International Declaration of Independent Publishers for the Protection and Promotion of Bibliodiversity*, p. 7.

prostituídas são completamente emudecidas: os sindicatos supostamente criados para defender seus direitos são, em sua maioria, submetidos aos cafetões e aos donos dos prostíbulos.⁷⁶ Que outra indústria tem os patrões controlando o sindicato dos empregados? Ainda que isso seja de conhecimento público, quando existem denúncias, poucos saem em defesa das prostitutas.

Uma análise da liberdade de expressão não deve minimizar as consequências da censura. Esta não só tenta eliminar e proibir o trabalho dos escritores, dos artistas, dos prisioneiros, dos torturados, dos assassinados ou qualquer um que tenha levantado sua voz rebelde, como também produz condicionamento social. Em *Pornografia e Silêncio*,⁷⁷ Susan Griffin relaciona a violência presente na pornografia com o silêncio das mulheres e argumenta que o silêncio é tanto interno como externo. Este também é o caso dos povos colonizados no geral. Judy Atkinson descreve o trauma geracional causado ao povo indígena e transmitido aos seus descendentes⁷⁸. Aqueles que pertencem à classe trabalhadora estão familiarizados com esses traumas transgeracionais, os mesmos dos quais padeceram as pessoas marginalizadas pelo ódio – em um mundo dominado pelo cristianismo, os judeus e os muçulmanos sofreram isso na própria carne.

Se a indústria editorial realmente quer promover a bibliodiversidade, precisa considerar tudo isso. O resultado deve ser que possamos escutar as vozes das mulheres e daqueles historicamente marginalizados, como os que sofreram a colonização, os camponeses e os trabalhadores. Tal como Maria Mies e suas colegas tão visionariamente identificaram em 1988:

O entendimento de que a questão das mulheres está relacionada com a questão colonial, e de que ambas estão relacionadas com o modelo de acumulação dominante,

⁷⁶ EKIS EKMAN, Kajsa. *Being and Being Bought: Prostitution, Surrogacy and the Split Self*, p. 59-78.

⁷⁷ GRIFFIN. *Pornography and Silence: Culture's Revenge Against Nature*.

⁷⁸ ATKINSON. *Trauma Trails, Recreating Song Lines: The Transgenerational Effects of Trauma in Indigenous Australia*.

global, capitalista e patriarcal não foi uma surpresa nem produto dos nossos estudos. Nossa percepção sobre a relação sistemática entre estas questões foi o resultado de muitos anos de experiência no Terceiro Mundo (na Índia e na América Latina) e da nossa participação nas lutas das mulheres na Europa.⁷⁹

A indústria editorial global se desenvolve graças às vozes marginais,⁸⁰ porque aqueles que se situam nas margens – como as sementes silvestres –, com sua energia aportam um novo conceito de sociedade. Mas, com frequência, este fenômeno é de curta duração: uma moda, algo exótico ou chocante.⁸¹ Um desafio maior é que os mesmos autores marginais se encarreguem da produção de seus livros. Como editoras de livros feministas, isso é exatamente o que fazemos. Nas megaeditoras, as mulheres possuem cargos de importância em edição e promoção. Mas sua presença é muito menor em áreas como produção, administração, distribuição, armazenagem, tecnologia e vendas, o que torna improvável que um equilíbrio dinâmico se instaure nestas empresas.

As editoras costumavam depender da crítica; principalmente da crítica especializada que era feita nos jornais mais cosmopolitas e nas revistas de literatura e atualidades. Quando eu mesma fiz crítica literária na metade dos anos 1980, um artigo tinha a extensão de 800 a 1.000 palavras. Atualmente o espaço para uma crítica de livros é muito menor. Alguns blogues e outras redes sociais têm dado continuidade ao trabalho, mas a realidade é que a crítica e sua importância estão em declínio. Os meios de comunicação já não apostam no público leitor em geral, mas preferem segmentá-lo em nichos de mercado. Por outro lado, os prêmios têm se multiplicado, ainda que uns poucos incidam efetivamente nas vendas. Os editores

⁷⁹ MIES; BENHOLDT-THOMSEN; WERLHOF. *Women: The Last Colony*, p.1-2.

⁸⁰ Basta observar os vencedores do Prêmio Booker e Man Booker. Mesmo que haja britânicos, a procedência de uma parcela importante de premiados corresponde a países que foram colônias britânicas no passado, o que evidencia a intenção de abrir novos mercados para essas vozes atípicas.

⁸¹ HAWTHORNE. *The Politics of the Exotic: The Paradox of Cultural Voyeurism*.

independentes têm um histórico de bons resultados com a mídia especializada, mas as multinacionais esgotaram esse recurso e hoje buscam outras estratégias de promoção. De modo similar, podemos pensar nas feiras do livro, que atualmente são realizadas em qualquer lugar com resultados diversos.

Um exemplo da “igualdade de expressão” aplicada à indústria editorial é a certificação do Conselho e Administração Florestal (FSC)⁸² e do Programa de Reconhecimento de Certificação Florestal (PEFC)⁸³ para que seja possível estampar suas logos nas capas dos livros. Estas certificações devem ser *aprovadas* antes que o livro seja impresso, já que o sistema de “silvicultura justa” reconhece a importância de prevenir o desperdício de recursos numa grande quantidade de publicidade impressa que posteriormente se transforma em desperdício, como são o spam, os catálogos de produtos de grande consumo e outros formatos de papel que o Conselho de Administração Florestal considera inaceitáveis. Certamente não demorará muito tempo para que as empresas antiecológicas comecem a denunciar a discriminação da qual são vítimas. Seria interessante saber quais serão os argumentos usados para justificar a exploração desenfreada das poucas florestas sustentáveis que temos com o objetivo de produzir desnecessariamente papel caro e inútil.

A Aliança Internacional de Editores Independentes convoca os editores a pensar o meio ambiente a partir da Declaração de Paris: “Somos conscientes de que ao mesmo tempo em que reivindicamos e lutamos por nossos direitos, devemos nos comprometer a cumprir com nossos deveres e responsabilidades – tanto culturais, sociais, como ambientais”.⁸⁴ Entretanto, como editores de países ricos devemos reconhecer que aqueles colegas que trabalham em regiões mais pobres nem sempre têm acesso a papel ecologicamente sustentável.

⁸² Forest Stewardship Council.

⁸³ Program for the Endorsement of Forest Certification.

⁸⁴ INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. *International Declaration of Independent Publishers for the Protection and Promotion of Bibliodiversity*, p. 7.

Os termos “igualdade de expressão”, “comércio justo”, “silvicultura sustentável” e “livro justo”⁸⁵ pressupõem que a justiça e a equidade estejam situadas no centro da tomada de decisões.

As implicações de um “discurso ético”,⁸⁶ especificamente, de uma “ética da igualdade de expressão” devem ser levadas a sério pelos editores. Se a igualdade de expressão e o comércio justo pudessem ser parte central do negócio editorial, não só teríamos um sistema muito mais equitativo, como também os autores alcançariam muito mais amplamente o público. Os escritores com algo novo ou diferente a dizer teriam voz; os editores independentes poderiam fechar acordos mais justos em vez de serem colocados à margem; e quem sabe os leitores poderiam voltar a um mundo próspero de livrarias independentes onde seria possível conseguir uma grande variedade de diferentes tipos de livros para ler; livros para alargar seus horizontes.⁸⁷

⁸⁵ A Aliança Internacional de Editores Independentes emprega este termo para as coedições e as traduções realizadas entre seus membros, com que se procura apoiar logisticamente a execução dos projetos.

⁸⁶ MCLELLAN. *Unspeakable: A Feminist Ethic of Speech*.

⁸⁷ Um crítico que tem assumido esta tarefa de maneira muito séria é M. D. Brady, que em seu blog *Me, You and Books* se apaixona e se aborrece com os livros publicados ao redor do mundo. Ver: <<http://mbrady.wordpress.com/>>. Eu tentei fazer o mesmo no início dos anos 1990 com minha coluna no *Australian Women's Book Review*.

RECOLONIZAÇÃO

Manter o estado-nação seguro para as empresas multinacionais é o mesmo que mantê-lo seguro para a heterossexualidade, já que podem ser recodificados como algo natural, até mesmo sobrenatural. Também o turismo e o imperialismo tornam-se parte integral da ordem natural, como a heterossexualidade, e se fazem imprescindíveis na estratégia de recolonização pelo Estado.

M. Jacqui Alexander. *Pedagogies of Crossing.*

A “revolução digital” não apenas abriu as portas do mundo aos pequenos investidores, mas também criou novas oportunidades para as grandes editoras e grandes livrarias recolonizarem aqueles que trabalharam arduamente na sua própria descolonização e na de suas comunidades durante o último século. Essa descolonização pretendeu se livrar do apagamento cultural para legitimar e celebrar os povos oprimidos e suas culturas, incluindo as línguas proibidas pelos colonizadores. Os indígenas, por exemplo, têm batalhado pelo direito de publicar as próprias obras em sua língua e o têm realizado com a ajuda de quem respeita seus significados e contextos. Esta batalha tem acontecido entre os colonizados ao redor do mundo – como África, América do Sul e terras bascas – e entre as ex-colônias que falam inglês – como Austrália, Canadá, EUA, África do Sul e Aotearoa (também conhecido como Nova Zelândia). Um exemplo recente na mídia australiana foi a revisão crítica das palavras *dreaming* (sonhando) e *dreamtime* (hora do sonho).⁸⁸ Para Nicholls, o problema é fruto da distorção do significado original em, pelo menos, 250 línguas da Austrália pré-colonização. O uso incorreto dessas palavras tem implicações na forma como as sociedades aborígenes são percebidas e em como suas ideias e conceitos são compreendidos. Algumas línguas

⁸⁸ NICHOLLS. “Dreamtime” and “The Dreaming”: An Introduction.

são marcadas como línguas de terroristas – a língua basca vem sofrendo esta sina. Em outros lugares, como países em desenvolvimento, tal como destaca a Aliança Internacional de Editores Independentes,

livros em idiomas africanos têm um mercado potencial amplo. Entretanto, algumas barreiras reduzem consideravelmente o número de leitores potenciais, entre elas, os níveis de analfabetismo, falta de hábitos de leitura, escasso poder aquisitivo por parte do público alvo e a baixa visibilidade e disponibilidade das publicações.⁸⁹

A disponibilidade de livros na língua local e na nacional é um problema para povos colonizados de todo o mundo. O colonialismo é uma herança da qual é difícil se libertar porque a infraestrutura tem se instalado em benefício dos poderosos colonizadores. A mídia e a educação podem ser usadas para o bem ou para o mal. Por exemplo, quando se trata de fechar um acordo de distribuição com grandes empresas digitais, as expectativas contratuais estão a favor das grandes corporações. No mercado editorial de língua inglesa, isso fica exemplificado em contratos que colocam os EUA em evidência e ignoram mercados menores fora da gigantesca produção editorial estadunidense.

Na África, os editores independentes têm protestado contra a inserção de livros estrangeiros em seu mercado. Nos países de língua francesa, como Gabão, Camarões, Mali e Níger, livros em francês oficial são distribuídos com a justificativa de contribuir para o material de leitura para crianças extremamente pobres e suas escolas. Livros escritos, produzidos e publicados na França são “doados”. Editores independentes, menores e locais, não conseguem doar livros em grande escala para escolas e, como resultado, são impedidos de obter o que seria uma importante fonte de renda para assegurar a sobrevivência do editor local com conhecimento local.⁹⁰ Além disso,

⁸⁹ INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Local and National Languages: What Opportunities for Publishing in Africa?

⁹⁰ INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Book Donations: Rethinking the system.

são despejados nos países em desenvolvimento livros convencionais e de fácil compreensão, da mesma forma que são despejados outros produtos rejeitados pelo Ocidente, como cigarros e produtos farmacêuticos ineficientes e perigosos. No Brasil, a aparente doação caridosa de livros por bancos é mais uma ferramenta de marketing, uma vez que os livros são de péssima qualidade. Tudo termina sendo uma doação de tralhas e livros danificados. Os bancos, em vez de comprar bons livros para doar às bibliotecas, gastam milhões em campanhas publicitárias. Ademais, os desafios de distribuição são tão grandes que, frequentemente, os editores não são pagos. Em vez disso, as editoras de livros didáticos com maior apoio pegam o maior pedaço do bolo.⁹¹

Essas ações condenam o espírito da bibliodiversidade. Além disso, a Aliança Internacional de Editores Independentes declarou que “editores independentes garantem a multiplicidade e a circulação das ideias e são os verdadeiros protagonistas e defensores da diversidade cultural na produção editorial”.⁹²

A bibliodiversidade não se reduz a números. Também diz respeito a processos e padrões. Também não se reduz a produzir livros de forma diferente, mas consiste num contexto social completamente diferente para criações. A livre expressão das ideias deve ser equilibrada em relação ao bem comum.⁹³ O conceito de liberdade de expressão⁹⁴ pode nos ajudar a chegar a um ponto de equilíbrio.

Assim como na ecologia, o processo editorial é parte de um sistema complexo que responde às forças de mudança do mundo. Frequentemente, os editores independentes têm a habilidade de antecipar as mudanças culturais. Isso porque eles passeiam

⁹¹ RIBEIRO, Araken Gomes. 2013. Não publicado.

⁹² INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. *International Declaration of Independent Publishers for the Protection and Promotion of Bibliodiversity*, p. 4.

⁹³ Cf. ROY. *The Cost of Living*. MIES; BENNHOLDT-THOMSEN. *The Subsistence Perspective: Beyond the Globalized Economy*. SHIVA. *Making Peace with the Earth: Beyond Resource, Land and Food Wars*.

⁹⁴ MCLELLAN. *Unspeakable: A Feminist Ethic of Speech*.

rapidamente na margem do rio cultural, enquanto as grandes editoras remam no raso do convencional.

O processo editorial está diante de uma encruzilhada. Agora, podemos acessar processos de edição relativamente baratos que permitem que as grandes editoras, como Penguin Random House, Hachette, Mondadori e outras, lotem os mercados com seus livros. Porém, são esses mesmos processos de produção que permitem que as vozes marginais possam ser ouvidas. Isto é confirmado pelo aumento gigantesco de pequenas tiragens e edições digitais de poesia. Além disso, a autopublicação, seguindo a tradição dos modernistas, está mais acessível a todos. Aliada a essas inovações na produção, a distribuição digital de uma única voz pode ter um alcance mundial. Como Suniti Namjoshi notou em 1996, um escritor pode agora dizer: “Eu estou transmitindo para o mundo. Não apenas meu voto, mas também minha voz, minha VOZ está sendo ouvida.” Mas aí tem um problema. “Tem alguém ouvindo minha transmissão?”⁹⁵

Um indivíduo com acesso a um computador pode chegar a ter um público a nível global por meio de blogs, sites ou redes sociais. Apesar da projeção individual a nível global ser incomum, uma voz pode se propagar como um vírus por meio deste público.

Mas a autopublicação também tem sido usurpada, e grande parte dela está agora nas mãos da Amazon. O processo de publicação, tradicionalmente, pressupõe um contrato acordado entre o editor e o autor e, embora existam muitos autores insatisfeitos por terem firmado contratos dos quais se arrependem depois, ao menos o editor é obrigado a ter o consentimento do autor para mudar as condições. A Amazon, por outro lado, tem o direito de mudar qualquer parte do seu contrato, sem nenhuma razão, a qualquer momento e com qualquer autor que tenha firmado com a empresa. Os escritores precisam se informar sobre as armadilhas desses novos tipos de contratos.

⁹⁵ NAMJOSHI. *Building Babel*, p. xxiv-xxv.

Contra a recolonização, nós devemos manter em mente as palavras de Arundhati Roy:

Nossa estratégia não deveria ser apenas confrontar o império, mas emboscá-lo. Deixá-lo sem oxigênio. Envergonhá-lo. Zombar dele. Com nossa arte, nossa música, nossa literatura, nossa teimosia, nossa alegria, nosso brilho, nossa genuína persistência – e nossa habilidade de contar nossas próprias histórias. Histórias que são distintas daquelas nas quais somos forçados a acreditar.⁹⁶

O atual mercado das edições digitais pode fazer-nos desaparecer se não criarmos nossas próprias redes para cooperar com a propagação de novas vozes da bibliodiversidade. Nós podemos responder à questão de Suniti Namjoshi em 1996: “Tem alguém ouvindo minha transmissão?”. Serão os blogs, os e-books, os aplicativos de iPads, os tablets, os tweets, a *phone fiction*, os websites e toda uma multidão de novas plataformas que estão entrando em nossos lares e locais de trabalho que nos ajudarão a ser realmente ouvidos? As pequenas editoras têm a vantagem de serem mais flexíveis e de possuírem um menor catálogo no qual trabalhar e criar. Por meio de nossos websites, podemos fazer com que a literatura seja acessível a nossos leitores e isso nos dá a possibilidade de estabelecer um compromisso com eles. É meu anseio que a bibliodiversidade seja ampliada para esse novo espaço digital.

Devemos lutar contra aqueles que promovem o monopólio, uma posição ocupada pela Amazon, cujas práticas estão distorcendo o mercado.⁹⁷ Uma grande variedade de conflitos está ocorrendo entre as grandes editoras e as grandes distribuidoras. Quando a Apple entrou no mercado em 2010, parecia que o monopólio da Amazon poderia ser desafiado, mas, como Bob Kohn apontou:

Tudo ia bem até que o Departamento de Justiça, baseando-se na documentação técnica entregue pela Amazon, apresentou uma petição desnecessária contra a Apple e cinco das

⁹⁶ ROY. *War Talk*, p. 112.

⁹⁷ KOHN. *How Book Publishers Can Beat Amazon*.

maiores editoras por violação das leis antimonopólio. As editoras foram acusadas de acordos de preços, porém sem fixá-los, já que nenhum único preço de e-book foi alterado pela conspiração inventada pelo governo. O que haviam feito as editoras, como argumentei na condição de *amicus curiae* no momento, foi mudar para o modelo válido de lojas de aplicativos, o que eliminou a distorção do mercado de e-books que favorecia a Amazon.⁹⁸

As posições contraditórias das megaeditoras e dos editores independentes requerem que este último caminhe na corda bamba entre flexibilidade e adoção imediata de novas tecnologias e a necessidade de uma ampla distribuição, que está quase completamente nas mãos de algumas das empresas mais capitalizadas e poderosas do mundo.

No mundo contemporâneo das publicações globalizadas, estamos enfrentando o imenso poder de mercado de somente um agente: Amazon. Ela não só tem o poder de distorcer o mercado como compradora – de livros impressos e digitais (monopsônio) –, mas também como a mais poderosa vendedora – de livros e outros bens de consumo (monopólio). Este poder de mercado não representa o modelo de competição tão elogiado pelos economistas neoclássicos, pelo contrário, assemelha-se muito mais ao poder da indústria do açúcar na América do Sul, descrito por Eduardo Galeano⁹⁹ em seu estudo dos 500 anos de história da América Latina, ou ao poder da Companhia Britânica das Índias Orientais durante o domínio colonial britânico, ou ao poder da Monsanto no agronegócio. É, de fato, uma tentativa de recolonizar nossos mercados e nossas mentes.

⁹⁸ *Ibidem.*

⁹⁹ GALEANO. *Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent.*



ibliodiversidade digital

[Coedição] tem a ver com viabilidade econômica. Estamos falando de coedição não apenas de modo a tornar possível que um livro ou um autor seja publicado simultaneamente em todo o mundo, numa língua ou em muitas línguas, mas também estamos falando de economia; a economia de fazer algo assim, e a coedição como uma forma de chegar a algo viável.

Ritu Menon. Coedición simultánea de libros feministas.

O sistema digital – em oposição ao sistema industrial – reflete padrões e processos orgânicos na forma como ele funciona. Mas tal como a “grande farmácia” tem sido capaz de colonizar e apropriar-se do conhecimento dos povos indígenas e tradicionais para obter lucros massivos, assim também o sistema digital pode ser apropriado, distorcido, corporatizado e privatizado pela “grande edição”. De fato, isto é precisamente o que está sendo feito neste momento.

O digital é, antes de mais nada, um sistema de redes – a Internet e os sistemas de redes sociais exemplificam isso. Embora eu não seja um “especialista em tecnologia”, tenho visto como o pronto acesso a celulares tem afetado a vida de muitas pessoas na Índia e no Bangladesh. As pessoas que vivem na pobreza utilizam a tecnologia de formas diferentes. Em comunidades indígenas remotas na Austrália, o acesso comunal a computadores permite a comunicação através dos desertos. Na Indonésia rural, uma mulher idosa é capaz de contatar um parente em outra aldeia pedindo ao seu filho para enviar um e-mail. Uma jovem mulher na Índia ou na Nigéria pode acessar livros digitais no seu celular.

Entre os megaeditores, os microeditores também estão se proliferando. São como as pequenas plantas verdes que surgem entre as fendas do concreto. Algumas delas irão crescer e tornar-se as editoras de um determinado grupo social ou localização geográfica. Através

do *networking*, é possível que este material chegue a um público mais vasto. Com uma nova geração de nativos digitais, a publicação digital se tornará a norma. Atualmente, poucos editores relatariam mais de 20% das suas vendas como digital, enquanto 80% permanecem como vendas de impressão. O período de tempo em que esta mudança vai ocorrer é difícil de prever, mas suspeito que esses números irão se inverter em alguns mercados nas próximas duas décadas. Já existem editoras que apenas produzem títulos digitais. Mas os livros impressos continuarão, não tenho dúvidas sobre isso: livros como presentes, como repertórios de conhecimento para refletir, como romances para levar à praia, como livros ilustrados para pôr nas mãos de crianças, e como poesia; como pequenos artigos de luxo para apreciar.

O que permanece importante, qualquer que seja o meio de produção ou de leitura, é o conteúdo – que é o cerne da biodiversidade e o principal negócio das editoras independentes.

Se a “grande distribuição” – e há uma concentração crescente nas mãos de cada vez menos empresas, incluindo para além das fronteiras linguísticas – for reduzida a uma pequena quantidade de agentes, então as vantagens do *networking* para os pequenos agentes irão desaparecer.¹⁰⁰ Alguns serão capazes de sobreviver devido à lealdade temporária, mas a lealdade tende a ser geracional e isso também irá mudar com o tempo.

É, portanto, imprescindível que escritores independentes, editoras, artistas, designers, meios de comunicação social, livreiros, bibliotecários e leitores independentes de média dimensão percebam a importância do apoio intersectorial.¹⁰¹

Há uma confusão acontecendo na indústria editorial. Os grandes vendedores de livros querem ser editores; os grandes editores querem

¹⁰⁰ Em 14 de março de 2014, a Amazon anunciou que vai produzir livros em alemão; a Penguin Random House publica agora em inglês, alemão e espanhol.

¹⁰¹ Para o efeito, a Aliança Internacional de Editores Independentes organizou *workshops* para editores, incluindo um que abordou especificamente as necessidades dos editores de língua árabe. (International Alliance Independent Publishers, 2014b.) Realizou também um estudo internacional em 2010-2011 sobre a edição digital nos países em desenvolvimento (KULESZ. Digital Publishing in the Developing World).

ser vendedores de livros. A convergência não beneficia nem os autores, nem os editores e nem os livreiros. Mas ela é “vendida” para aqueles que estão na parte de baixo da cadeia como uma grande vantagem: a vantagem de alcançar um mercado global; a vantagem de não ter custos de impressão. Mas essas vantagens são, em sua maior parte, uma ilusão. Como os pequenos agentes atingirão uma audiência global? Como eles conseguirão evitar os custos de design, edição, revisão, composição tipográfica, marketing e distribuição? Os leitores vão querer ler livros mal editados? Eles vão querer ler livros em que o design não foi considerado? O marketing e a distribuição online serão o bastante? A suposta vantagem é então usada como um meio de extrair os mais bem-sucedidos escritores que autopublicam, ou os mais bem-sucedidos escritores independentes, comprando-os. Em 2011, a Penguin adquiriu a Bookworld do REDGroup Retail (que antes integrava a Borders, Angus & Robertson).

A Bookworld é a loja virtual de livros que mais cresce na Austrália, e agora é uma subsidiária da Penguin Random House no mesmo país. Arranjos semelhantes existem entre outras grandes editoras em vários mercados de diferentes idiomas. Na outra ponta do espectro, grandes lojas como a Amazon estão criando braços de publicação online. Começou em 2009 com a AmazonEncore e agora já são treze marcas.

Um fenômeno recente é a autopublicação digital de um produto global. *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James, é um exemplo disso, e a série de três livros foi publicada pela Random House, que, desde sua fusão com a Penguin Books, se tornou a maior editora de língua inglesa do mundo. É também a proprietária da Goldmann, a editora alemã de *Cinquenta tons de cinza*. Quando a *Publishers Weekly* elegeu E. L. James como a “Personalidade Editorial do Ano” em 2012, houve uma manifestação indignada de alguns setores da indústria editorial preocupados com o que pode ser considerado “literatura”. Sob o ponto de vista crítico da bibliodiversidade, esse desespero tem fundamento. E. L. James simplesmente encontrou uma fórmula

vencedora no momento certo: uma releitura de um antigo conto de fadas misógino sobre um homem sádico e dominador e uma mulher pobre, bela e masoquista.¹⁰²

Outro exemplo de uma empresa pequena sendo adquirida por uma grande é a editora (anteriormente) australiana Booki.sh. A Booki.sh criou uma plataforma digital de leitura baseada em nuvens de dados, e se aventurou na venda digital de livros de editoras independentes, através de livreiros independentes. Foi um grande sucesso. Ela agora pertence à OverDrive, uma companhia americana que fornece livros para o mercado livreiro internacional. O acesso dos editores e vendedores independentes à plataforma da Booki.sh foi atribuído à OverDrive. A venda se mostrou uma decisão inteligente para os proprietários da companhia, mas as consequências para o mercado editorial e livreiro da Austrália têm sido significativas. Os vendedores independentes perderam uma plataforma para vender e-books, e os editores independentes perderam um *outlet* administrado localmente.¹⁰³

A linguagem usada nessa aquisição é interessante. Steve Potash, diretor executivo e presidente da OverDrive, disse:

A equipe da Booki.sh criou uma experiência de leitura imersiva, direta e moderna, que contribui de forma única para a missão de nossas bibliotecas e escolas. Suas tecnologias inovadoras simplificaram o acesso e aumentaram a comodidade dos e-books, o que ajudará a moldar a forma como milhões de leitores e estudantes apreciam os e-books da extensa rede de bibliotecas, escolas e livrarias da OverDrive, que estão presentes em mais de 20 países.¹⁰⁴

A independência ajudou a Booki.sh a alcançar um grande sucesso, e eu os parabeneizo por sua criatividade e inteligência. Palavras como “moderno”, “direto” e “inovador” são raramente aplicadas à megaedição. Como Timothy Swanson (1996) disse a respeito da

¹⁰² HAWTHORNE. *Shades of Gray: What now that BDSM has gone mainstream?*

¹⁰³ Os membros da Small Press Network, em conjunto com um grupo de livrarias independentes, trabalharam de forma bem-sucedida com a Booki.sh entre 2011 e 2012. BOOKI.SH. *More about Booki.sh.*

¹⁰⁴ Citado em KOZLOWSKI. *OverDrive Acquires Cloud Based Company Booki.sh.*

biodiversidade, as corporações dependem do aspecto “selvagem” da biodiversidade; de modo similar, as grandes editoras dependem do aspecto “inovador” da bibliodiversidade para obter novos progressos. A originalidade vem das margens, dos independentes; os pequenos sustentam os grandes. Resta observar se a OverDrive será capaz de viver de acordo com as ambições e esperanças da Booki.sh.



dição orgânica

O objetivo do Nayahrishi Andolon [Movimento da Nova Agricultura] não é de produzir mais comida para os consumidores, mas de criar vida, diversidade e ananda [viver uma vida feliz].

Farida Akhter. Resisting 'Technology' and Defending Subsistence in Bangladesh.

A ecologia da edição é uma questão que irá expandir a mente de editoras independentes nas próximas décadas. Enquanto a megaedição implicará em mais e mais fusões, aumentos em digitalizações, convergência entre livrarias e editoras, e edição multilíngue homogênea em massa, no outro lado estarão as pequenas editoras independentes e autopublicadas.

Escrita e edição costumam funcionar melhor como empreendimentos de baixa escala, assim como a agricultura orgânica tem seus melhores resultados quando feita em terreno limitado. Permanecer pequeno permite ao fazendeiro produzir algo único, um sabor ou cor que não pode ser reproduzido industrialmente. No pensamento dominante, costuma-se ouvir o argumento dos grandes negócios de que “orgânico” é “somente para os ricos”, e que a agricultura em escala industrial produz comida que o pobre consegue comprar. Farida Akhter em Bangladesh, no entanto, mostra por exemplo como as pessoas com poucos recursos devem também ter a possibilidade de consumir alimentos saudáveis, cultivados sem pesticidas e sem a intervenção de empresas como a Monsanto.¹⁰⁵

Ponderando sobre as conexões entre o meio ambiente e a edição, podem-se ver muitas similaridades. Um exemplo significativo é o do papel. A maioria do papel do mundo é produzido através

¹⁰⁵ AKHTER. Resisting “Technology” and Defending Subsistence in Bangladesh: Nayakrishi Andolon and the Movement for a Happy Life; ROBIN. *The World According to Monsanto: Pollution, Politics and Power.*

da plantação de florestas, muitas delas feitas com espécies exóticas, desflorestadas de modo a maximizar o lucro das empresas madeireiras. A primeira destruição é aquela de espécies nativas substituídas pelas plantações exóticas. O segundo nível de destruição ocorre quando as plantações são desflorestadas. A desflorestação causa destruição de uma maneira similar a um bombardeamento. É a destruição do ecossistema florestal não somente porque as grandes árvores são cortadas, mas também por que a vegetação rasteira, microorganismos, e o solo também são destruídos. Quanto maior a editora, mais a impressora imprime, e, subsequentemente, mais papel é usado. Novas tecnologias de impressão podem ajudar a viabilizar livros com pequenas tiragens, isto é, livros com tiragens de 100 a 700 exemplares. Baixas tiragens reduzem o uso desnecessário de papel. Muitas das grandes tiragens também implicam altos números de desperdício na produção de papel: livros desperdiçados, papel desperdiçado, árvores desperdiçadas.

Na indústria editorial é possível que os vendedores de livros retornem o estoque não vendido para as editoras. Essa é uma prática incrivelmente desperdiçadora, e isso se dá, algumas vezes, devido ao excesso de pedidos, especialmente aqueles feitos por grandes lojas e franquias. Isso não só leva a um desperdício de papel, mas também a um uso desnecessário de gasolina e diesel no transporte de livros nas idas e vindas das estradas já congestionadas (ou por outros meios) quando os livros são devolvidos, considerados excedentes, e então reciclados.

É menos provável que os pequenos independentes engajem em tiragens excessivas, e enquanto eles podem não ter qualquer controle sobre as devoluções, porque pedidos inflados são muito mais improváveis, a sua contribuição para o desperdício é significativamente menor.

Continuando o seu gosto por fusões, em março de 2014 a *Random House* anunciou que havia comprado a editora de língua espanhola chamada *Santillana*. Enquanto pode haver espaço para alguns indivíduos empreendedores nessa gigante, trilingue casa

editorial, é provável que todos os livros comecem a ter a mesma aparência (um autor em três línguas). Os tomates uniformes no supermercado são como esses livros sócias vindos dessas casas editoriais gigantes. Elas perderam toda a essência local, a língua em grande parte “americanizada”, e as personagens flutuam em um não-lugar globalizado sofrendo somente os problemas dos abastados. Ou eles reproduzem as várias formas de violência que aqueles de nós que lutaram contra o racismo, a misoginia, a colonização e seus semelhantes recusamos a lucrar com. A nova capa da reimpressão feita em 2013 de *The Bell Jar*,¹⁰⁶ de Sylvia Plath, é um exemplo disso: uma capa globalizada que transforma a protagonista em uma garota frágil, tipicamente americana quando, na verdade, ela é uma mulher lutando contra a sua depressão e ansiedade devido às expectativas sociais impostas a ela em um tempo não amigável ao feminismo. Essa é parte da distorção de ideais que o capitalismo faz. Enquanto o texto em si permanece intacto, o marketing que o cerca transforma a intenção autoral do livro. Dado que a autora não está por perto para protestar a distorção do seu “direito moral”, essas apropriações de marketing sem ética vão continuar.

Edição orgânica leva tempo. Isso significa tratar cada livro e cada autor dentro de um contexto. Significa levar em conta a intenção autoral, e não somente colocar uma capa que segue a mais nova moda de design. Há a expectativa de que escritoras mulheres aceitem capas *chick lit* sexualizadas, mesmo que essa não seja a forma como elas classificam o seu próprio trabalho. Capistas da corrente dominante irão produzir capas de “menino” para livros de autores e capas de “meninas” para livros de autoras.¹⁰⁷ Embora alguns argumentem que é uma forma viável de se encontrar o mercado certo para o livro, essa prática pode resultar em uma “exotização” de livros “estrangeiros” e um marketing condescendente e paternalista para livros de autoras.

¹⁰⁶ PLATH. *The Bell Jar*.

¹⁰⁷ FLOOD. Coverflip: Author Maureen Johnson Turns Tables on Gendered Book Covers. Novelist Challenges Readers to Flip Genders of Famous Book Covers and Expose Publishers' Sexist Attitudes to Women's Fiction.

Eu acredito que a edição orgânica produz livros melhores. Se os leitores entendessem um pouco mais da política e economia da edição, talvez mais pessoas assumiriam o risco de ler um livro de um autor ou autora que é desconhecido, ou que é de um lugar não familiar. Mudança requer intenção e prosseguimento. Como leitor, se aventurar até a vitrine de uma livraria é um pouco como visitar a Europa, Ásia ou África por cinco dias. Explorar ideias demanda tempo. Você não precisa sair de casa, mas você precisa ir atrás de novos conceitos e percepções de mundo, assim como também pessoas que você não conhece. Ou você precisa ir mais fundo entre aqueles que você já conhece. Viver na superfície pode ser muito glamouroso, mas em algum momento se torna cansativo; falta-se satisfação e torna-se cínico e desesperante.

Uma indústria editorial sustentável é aquela em que os livros têm uma vida de prateleira maior do que três meses. As constantes demandas de mais lucros, livros altamente móveis, depósitos de distribuição massivos, aumentos de externalidades de autores famosos suportados por viagens internacionais e turnês de festivais nacionais não contribuem para uma indústria ecologicamente sustentável. O pequeno é lindo e independente.



Princípios da biodiversidade: modelos e procedimentos *

Sistemas de feedback, auto-organizados e não lineares são intrinsicamente imprevisíveis. Eles não são controláveis. Só é possível entendê-los de maneira geral. Prever exatamente o que acontecerá no futuro e fazer uma preparação perfeita para ele é algo irrealizável [...] O futuro não pode ser previsto, mas pode ser imaginado e trazido carinhosamente à vida.

Donella H. Meadows. *Thinking in Systems*.

* Esta lista foi adaptada de: STONE. *Ecological Principles*. Para outra lista de princípios, ver MEADOWS. *Thinking in Systems*, especialmente as páginas 188-191.

Redes

Todos os artefatos culturais em um ecossistema social estão interligados através de redes de relacionamento. Para que culturas prosperem, as redes devem existir. Por exemplo, um poema pode dar origem a outras obras de arte, como uma composição musical, uma pintura, uma dança ou uma ópera. Obras de arte funcionam por polinização cruzada. Conhecimentos tradicionais polinizam obras contemporâneas, enquanto estas retroalimentam o conhecimento cultural. Ideias novas e independentes polinizam as corporações. E isso seria útil se fosse tratado com respeito.

Sistemas aninhados

A cultura é composta de sistemas aninhados dentro de outros sistemas. Embora cada sistema seja completo em si mesmo, ele também faz parte de um sistema maior. Mudanças em uma parte do sistema podem afetar outros sistemas aninhados, bem como podem afetar o sistema maior. As editoras estão aninhadas dentro do sistema maior da escrita, da narrativa e da literatura que, por sua vez, estão aninhadas dentro de uma cultura específica e também dentro do sistema global da narrativa (que inclui a poesia, o cinema, o jornalismo, as performances etc). A indústria editorial também existe dentro de um sistema aninhado ao lucro corporativo que atualmente

está exercendo mais influência do que a cultura; isto é, o comerciante tornou-se mais importante do que a cultura, e o “negócio dos livros”, como André Schiffrin chama, tem se voltado mais para o “negócio” do que para o conteúdo dos livros.¹⁰⁸

Ciclos

Os membros de um ecossistema social – uma cultura – dependem da troca contínua de energia através de ideias e narrativas. Os ciclos se cruzam dentro e entre os sistemas locais, regionais e globais. A história de toda relação existe em níveis local e global.

Fluxos

Cada cultura – não importa se grande ou pequena – precisa de um fluxo contínuo de energia ideacional para prosperar. O fluxo de energia do mundo natural para o mundo humano cria e sustenta as forças primárias ideacionais e psicológicas, resultando na linguagem. Por exemplo, adultos (principalmente mães) cantam para seus filhos, contam histórias e se entregam a conversas sem sentido. Dessa forma, as crianças aprendem a falar e a contar as suas próprias histórias.

Desenvolvimento

Toda a cultura – desde uma história para criança até as indústrias culturais globais – muda com o tempo (ou lugar). Histórias se constroem por acréscimo, variação, e por novas interpretações, assim como nova mídia para representação, por exemplo: da oralitura à literatura (papiro, folha de palmeira, cópias de manuscritos); do livro impresso ao livro digital.

Equilíbrio dinâmico

As comunidades ecosociais se tornam ciclos de feedback dinâmicos, de modo que, à medida que há oscilação contínua, uma comunidade bibliodiversa e multiversa mantém um estado

¹⁰⁸ SCHIFFRIN. *The Business of Books*; THOMPSON. *Merchants of Culture*.

razoavelmente estável. O equilíbrio dinâmico é a base da resiliência cultural. Por exemplo, quando as grandes editoras deixam de publicar poesia, uma série de autopublicações e pequenos pontos de venda independentes começam a aparecer até que as grandes editoras são levadas a pensar que esse gênero pode ser rentável e, assim, por um tempo, mais uma vez voltam a publicar poesia.



ibliodiversidade no século XXI

A biodiversidade não será conservada até a diversidade ser a lógica da produção.

Shiva. Monocultures of the Mind: Perspectives on Biodiversity and Biotechnology.

- “Se eu não posso dançar, eu não quero fazer parte da sua revolução”, disse Emma Goldman em 1931.¹⁰⁹ Eu adicionaria: “Se poesia não é mais publicada, não quero fazer parte desse tipo de indústria”.
- O tipo selvagem é crucial para a existência e manutenção da biodiversidade. Não vamos excluir aqueles que desafiam as nossas zonas de conforto.
- As línguas dominantes têm sua maneira de assumir o controle. Não só pela supressão de línguas locais, mas também pela marginalização de certas variações da língua dominante. Vamos todos aprender pelo menos uma outra língua.
- Vamos fazer um compromisso com o discurso justo – não apenas com o discurso livre e barulhento.
- Vamos nos comprometer a garantir que as duas metades da humanidade façam parte de nossas sociedades bibliodiversas. Isso significa que os homens terão que aprender a ler e ouvir de forma diferente e até mesmo a pensar de forma diferente.
- Não vamos contar apenas números – como contar o número de

¹⁰⁹ GOLDMAN. *Living my Life*, p. 207.

exemplares vendidos por escritoras como Virginia Woolf e Zora Neale Hurston em 1937; ou de títulos traduzidos para o inglês de Stieg Larsson e Mahmoud Darwish em 2000? Quem vamos contar? Quem serão os visíveis na hora de contar? Desejaríamos mais tarde que tivéssemos contado aqueles difíceis de encontrar? O processo de contagem equivale a dizer que apenas o contável vale alguma coisa. Isso contradiz a biodiversidade.

- Vamos reconhecer os pontos de acesso bibliodiversificados, em vez do marketing *top-down* chamado de “festivais”.
- Vamos reafirmar que mantemos e sustentamos a bibliodiversidade quando entramos na área da publicação digital.
- Não vamos recolonizar.
- Vamos assegurar que formamos solos férteis para que as manifestações culturais, as histórias, o conteúdo que conserva a sua integridade social sejam mantidos e sustentados.
- Vamos desafiar as regras do mercado internacional que dão preferência a infraestruturas corporativas.
- Vamos nos comprometer com a igualdade de resultado.
- Vamos apoiar a independência de abordagem em todo o setor: autores, tradutores, editores, distribuidores, revisores, livreiros, bibliotecários e meios de comunicação.

A biodiversidade, para ser verdadeiramente baseada na ideia de biodiversidade tal qual inicialmente imaginaram as editoras chilenas, deve transformar os princípios ecológicos em princípios socioecológicos.¹¹⁰ Esses princípios, como descrito acima, dão conta de

¹¹⁰ André Schiffrin comentou em uma entrevista: “Há uma tentativa de estender a consciência ecológica da biodiversidade a outros contextos, que eles chamam de ‘bibliodiversidade’. Por exemplo, no Chile, cerca de quarenta editoras independentes se reuniram sob esse rótulo há cerca de dez anos e conseguiram preservar a diversidade necessária da produção editorial disponível para os leitores de lá” (POULIQUEN; TESTARD. Interview with André Schiffrin).

um sistema vivo e complexo que está constantemente em movimento, reflexo da incessante mudança dos eventos naturais e culturais. Os abusos que cometemos contra a natureza estão levando o planeta a um excessivo aquecimento, levando-o a desenfreadas e severas mudanças climáticas. Os abusos que cometemos contra a cultura estão resultando em níveis crescentes de violência, o que reflete nos livros o equivalente cultural das mudanças climáticas: promoção do ódio e da misoginia, da violência homogeneizadora e bélica contra o “outro”.

Não tenho dúvidas de que a publicação independente continuará mesmo diante da corporatização global e das megaeditoras. Como os fungos que crescem em um círculo em torno das raízes de árvores velhas – desenvolvendo, secando, regenerando e criando microrganismos necessários para nutrir o solo –, pequenas editoras e editoras independentes vão continuar publicando livros arriscados, inovadores e duradouros pela paixão por literatura. Livros do agora para o futuro.



**Declaração de Pamplona-Iruñea:
por uma edição independente
decolonial, ecológica, feminista,
livre, social e solidária**

Esta declaração inscreve-se na continuidade das reflexões e dos trabalhos da Aliança Internacional de Editores Independentes, nomeadamente das Declarações de 2003, 2007 e 2014, assim como às 80 recomendações a favor da bibliodiversidade. Será complementada por um Guia de boas práticas (trabalho coletivo em curso para publicação ainda no primeiro semestre de 2022).

Para uma edição independente, comprometida com a nossa sociedade, o meio ambiente e a humanidade

Em reunião na cidade de Pamplona-Iruñea de 23 a 26 de Novembro de 2021, na ocasião do IV Encontro Internacional da edição independente, organizado em parceria com a Associação de Editores Independentes de Navarra – EDITARGI, nós, editoras e editores da Aliança Internacional de Editores Independentes, reafirmamos o nosso compromisso com:

- O carácter cultural, social e político do livro e da leitura;
- A democratização do livro nas nossas sociedades;
- A leitura como prática emancipadora que forja o espírito crítico de cidadãos e cidadãs atuantes no seio da sua sociedade.

O dinamismo da edição independente é a expressão da diversidade cultural no mundo do livro. Perguntamo-nos sobre o impacto das grandes transformações tecnológicas e manifestamos a nossa preocupação face à concentração contínua e sempre crescente do setor.

Preocupam-nos também as desigualdades estruturais que persistem no mundo do livro, a hegemonia do colonialismo cultural e a expressão incessante de múltiplas formas de censura que sufocam a diversidade.

Tudo isto constitui um entrave a uma participação equitativa na vida cultural das nossas sociedades. É por isso que nós, editoras e editores, recordamos que **a edição independente tem vocação para resistir à pressão da financiarização e a mercantilização contínua no mundo do livro.**

Comprometemo-nos firmemente a trabalhar para:

- Reafirmar o significado cultural, social e político do livro, reivindicando nosso compromisso com a Aliança, local de experiências, reflexões e laboratório de práticas editoriais alternativas;
- Promover a bibliodiversidade numa perspectiva decolonial, ecológica, feminista, livre, social e solidária;
- Apoiar a edição em línguas minoritárias e minorizadas, expressão significativa da diversidade cultural das nossas sociedades;
- Elaborar uma ecologia decolonial, social e geopolítica do livro, levando em conta interdependências, relações transversais e não verticais de atores, atrizes e redes do livro;
- Dar ao trabalho sobre o livro, que consideramos um bem comum, um carácter social e solidário:
 - Propondo um preço justo para os livros, tão justo quanto possível, que considere o ecossistema do livro e torne possível uma edição durável;
 - Aplicando rendimentos justos e equitativos às autoras e aos autores; às editoras e aos editores;
 - Praticar o mínimo de diferença na remuneração entre aqueles que trabalham no seio das editoras para não aumentar as desigualdades.

- Pesquisar e promover práticas que contribuam para a proteção do meio ambiente:
 - Imprimindo no país onde trabalhamos desde que as condições permitem;
 - Limitando as tiragens, a fim de evitar a perda de exemplares e a superestocagem;
 - Evitando a utilização de plásticos, quando tal não comprometa a durabilidade do livro.
- Reforçar a liberdade de expressão justa (fair speech):
 - Combatendo todas as formas de censura (política, religiosa, moral, cultural, sexual, de gênero e mercado);
 - Denunciando a concentração dos meios de comunicação social e o controle da palavra que na a prática restringe a liberdade de expressão;
 - Opondo-se firmemente aos discursos de estigmatização e de desumanização.
- Reforçar a Aliança Internacional de Editores Independentes no seu papel animador da nossa rede de solidariedade para defender os nossos valores partilhadas e o nosso trabalho conjunto.

ER referências

- AKHTER, Farida. Resisting “Technology” and Defending Subsistence in Bangladesh: Nayakrishi Andolon and the movement for a happy life. In: BENNHOLDT-THOMSEN; FARACLAS, Nicholas; WERLHOF, Claudia von (Eds.). *There Is an Alternative: Subsistence and Worldwide Resistance to Corporate Globalization*. London: Zed Books; Melbourne: Spinifex Press, 2001.
- ALEXANDER, M. Jacqui. *Pedagogies of Crossing: Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory and the Sacred*. Durham and London: Duke University Press, 2005.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Spinstera/Aunt Lute, 1987.
- ASANTE, Molefe Kete. *The Painful Demise of Eurocentrism: Un Afrocentric Response*. Trenton, NJ; Asmara, Ethiopia: Africa World Press, 1999.
- ATKISOM, Judy. *Trauma Trails, Recreating Song Lines: The Transgenerational Effects of Trauma in Indigenous Australia*. Melbourne: Spinifex Press, 2002.
- ATKINSON, Ti-Grace. *Amazon Odyssey*. New York: Links Books, 2002.
- AUSTRALIA, Council. *Cultural Trade Background Report*. Sydney: Australia Council, 2002.

- BARRY, Kathleen. *Unmaking War, Remaking Men: How Empathy Can Reshape Our Politics, Our Soldiers and Ourselves*. Santa Rosa, CA: Phoenix Rising Press; Melbourne: Spinifex Press, 2010.
- BELL, Diane. *Daughters of the Dreaming*. Melbourne: Spinifex Press, 1983/2002.
- BELL, Diane. *Ngarrindjeri Wurruwarrin: A World that Is, Was, and Will Be*. Melbourne: Spinifex Press, 1998/2014.
- BELL, Diane; KLEIN, Renate (Eds.). *Radically Speaking: Feminism Reclaimed*. Melbourne: Spinifex Press, 1996.
- BELL, Genevieve. *A Theory of Shopping: A Feminist Reading of eCommerce*. Paper presented at George Washington University, Washington DC, 7 June 2001.
- BENHAMOU, Françoise. *Les Assises et leurs Suites. Comptes rendus des Assises Internationales de l'Édition Indépendante et Programme Prévisionnel d'Action 2008-2009 de L'Alliance des Éditeurs Indépendants*. International Alliance of Independent Publishers. 7 Oct. p. 28-29.
- BOOKI.SH. *More about Booki.sh*, 2014. Disponível em: <<http://abaout.booki.sh/support/press>> Acesso em: 20 ago. 2021.
- BRAY, Abigail. *Misogyny Re-Loaded*. Melbourne: Spinifex Press, 2013.
- BRODRIBB, Somer. *Nothing Mat(t)ers: A Feminist Critique of Postmodernism*. Melbourne: Spinifex Press, 1992.
- CACHO, Lydia. *Slavery Inc.: The Untold Story of International Sexy Trafficking*. Translated byn Elizabeth Boburg. London: Portobello Books, 2012.
- CARSON, Rachel. *Silent Spring*. Harmondsworth, UK: Penguin Books, 1962.
- CATTON, Eleanor. *Eleanor Catton on Literature and Elitism*. *Metro*, March 2013b. Disponível em: <<http://metromag.co.nz/metro-archive/eleanor-catton-on-literature-and-elitism/>> Acesso em: 16 ago. 2021.

- CATTON, Eleanor. *The Luminaries*. London: Granta, 2013.
- COLLEU, Guilles. *Éditeurs indépendants: de l'âge de raison vers l'offensive*. Paris: Alliance des Éditeurs Indépendants, 2006.
- COMLAW. Copyright Amendment (Moral Rights) Act 2000 – C2004A00752. Office of Parliamentary Counsel, Commonwealth of Australia. 21 Dec. 2000. Disponível em: <<https://www.legislation.gov.au/Details/C2004A00752>> Acesso em: 24 ago. 2021.
- COMLAW. Racial Discrimination Act 1975 – Section 18C – C2013C00013. Office of Parliamentary Counsel, Commonwealth of Australia. 7 Jan. 2013. Disponível em: <<http://www.comlaw.gov.au/Details/C2013C00013>> Acesso em: 22 ago. 2021.
- CROUCH, Martha L. From Golden Rice to Terminator Technology: Agricultural Biotechnology Will not Feed the World or Save the Environment. In: TOKAR, Brian (Ed.). *Redesigning Life: The Worldwide Challenge to Genetic Engineering*. Melbourne: Scribe Publications; London: Zed Books; Montreal: McGill Queen's University Press; Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2001. p. 22-39.
- DALY, Mary. *Gyn/Ecology: The Meta-Ethics of Radical Feminism*. Boston: Beacon Press, 1978.
- DINES, Gail. *Pornland: How Porn Has Hijacked Our Sexuality*. Boston: Beacon Press; Melbourne: Spinifex Press, 2010.
- EKIS EKMAN, Kajsa. *Being and Being Bought: Prostitution, Surrogacy and the Split Self*. Melbourne: Spinifex Press, 2013.
- FANON, Franz. *The Wretched of the Earth*. Translated by Constance Farrington. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.
- FERGUS, Lara. Elsewhere in Every Country: Locating Lesbian Writing, 2005. Paper presented at 9th International Interdisciplinary Congress on Women. Seoul, Korea, 21 June 2005.
- FERGUS, Lara. *My Sister Chaos*. Melbourne: Spinifex Press, 2010.

- FIRESTONE, Shulamith. *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. London: Paladin, 1971.
- FLOOD, Alison. Coverflip: Author Maureen Johnson Turns Tables on Gendered Book Covers. Novelist Challenges Readers to Flip Genders of Famous Book Covers and Expose Publishers' Sexist Attitudes to Women's Fiction. *The Guardian*, 10 May 2013. Disponível em: <<http://www.the-guardian.com/books/2013/may/09/coverflip-maureen-johnson-gender-book>> Acesso em: 20 ago. 2021.
- FRYE, Marilyn. Oppression. In: *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory*. Trumansburg, NY: The Crossing Press, 1983.
- GALEANO, Eduardo. *Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent*. New York: Monthly Review Press, 1973. Ed. brasileira atual: *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- GOLDMAN, Emma. *Living my Life*. New York: Alfred A. Knopf, 1931.
- GOWDY, John; MCDANIEL, Carl N. One World, one Experiment: Addressing the Biodiversity-Economics Conflict. *Ecological Economics*, v. 15, n. 3, p. 181-192, 1995.
- GRAHAM, Dee L. R.; RAWLINGS, Edna I.; RIGSBY, Roberta K. *Loving to Survive: Sexual Terror, Men's Violence and Women's Lives*. New York: New York University Press, 1994.
- GREER, Germaine. *The Female Eunuch*. London: Paladin, 1971.
- GRIFFIN, Susan. *Pornography and Silence: Culture's Revenge Against Nature*. San Francisco: HarperCollins, 1982.
- GUILLAUMIN, Colette. *Racism, Sexism, Power and Ideology*. London: Routledge, 1995.
- HARRISON, Dan; SWAN, Jonathan. Attorney-General George Brandis: People do Have a Right to be Bigots. *Sydney MorningHerald*, 24 Mar. 2014. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/federal-politics/political-news/attorneygeneral-george-brandis-people-do-have-a-right-to-be-bigots-20140324-35dj3.html#ixzz34sUITHhp>> Acesso em: 22 ago. 2021.

- HAWTHORNE, Susan. Corporate Biotechnology: Gene Patents, market dynamics versus public good, biomedical marketing strategies. Paper presented at Within and Beyond the Limits of Human Nature: Working Conference on the Challenges of the New Human Genetic Technologies. Berlin, 12-15 Oct.
- HAWTHORNE, Susan. Cow. Melbourne: Spinifex Press, 2013.
- HAWTHORNE, Susan. From Theories of Indifference to a Wild Politics. In: BELL, Diane; KLEIN, Renate (Eds.). *Radically Speaking: Feminism Reclaimed*. Melbourne: Spinifex Press, 1996.
- HAWTHORNE, Susan. GATS and Women: To what extent will women lose as the General Agreement on Trade in services becomes embedded in the Global Economy. 9th International Interdisciplinary Congress on Women. Seoul, Korea, 2005.
- HAWTHORNE, Susan. Shades of Grey: What now that BDSM has gone mainstream?. Australian Women's and Studies Conference, 21 November 2012. b UNSW. Disponível em: <<https://jamescook.academia.edu/susanhawthorne>> Acesso em: 20 ago. 2021.
- HAWTHORNE, Susan. The Australia–United States Free Trade Agreement. *Arena Magazine*, v. 63, p. 29-32, Febr.–Mar., 2003.
- HAWTHORNE, Susan. The Political Uses of Obscurantism: Gender Mainstreaming and Intersectionality. *Development Bulletin*, n. 89, p. 87-91, 2004.
- HAWTHORNE, Susan. The Politics of the Exotic: The Paradox of Cultural Voyeurism. *Meanjin*, v. 48, n. 2, p. 259-268, 1989.
- HAWTHORNE, Susan. To Whinge or not to Whinge: Marginalising Feminist Writing in Australia. *Rochford Street Review*, n. 22, May 2012a. Disponível em: <<http://rochfordstreetreview.com/2012/05/22/to-whinge-or-not-to-whinge-marginalising-feminist-writing-in-australia/>> Acesso em: 16 ago. 2021.
- HAWTHORNE, Susan. *Wild Politics: Feminism, Globalisation and Biodiversity*. Melbourne: Spinifex Press, 2002.

- HAYDEN, Casey; KING, Mary. Feminism and the Civil Rights Movement. Disponível em: <http://www.wvnorton.com/college/history/archive/resources/documents/ch34_02.html> Acesso em: 20 ago. 2021.
- HERMAN, Judith L. Complex PTSD: A Syndrome in Survivors of Prolonged and Repeated Trauma. *Journal of Traumatic Stress*, v. 5, n. 3, p. 377-391, 1992.
- HYNES, H. Patricia. Consumption: North American Perspectives. In: SILLIMAN, Jael; KIND, Ynestra (Paper presented at.). *Dangerous Intersections: Feminist Perspectives on Population, Environment and Development*. Cambridge, MA: South End Press, 1999.
- INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Bibliodiversity. 2014. Disponível em: <<http://www.alliance-editeurs.org/bibliodiversity>>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Book Donations: Rethinking the system. International Assembly of Independent Publishers Workshop: Strengthening and Keeping Bibliodiversity Alive. BULAC, Paris, 20-21 Mar. 2013. Disponível em: <http://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/first_conclusions_book_donations_workshop_assembly_2013_and_2014.pdf> Acesso em: 23 ago. 2021.
- INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Digital Publishing: What issues for Bibliodiversity in the Arabic-speaking World? 12 May 2014. Disponível em: <http://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/press_release_digital_publishing_arab_world_2_pdf>.
- INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. *International Declaration of Independent Publishers for the Protection and Promotion of Bibliodiversity*. Paris: International Alliance of Independent Publishers, 2007.
- INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers. Local and National Languages: What Opportunities for Publishing in

- Africa? International Assembly of Independent Publishers Workshop: Strengthening and Keeping Bibliodiversity Alive. Ouagadougou, Burkina Faso, 11-13 June 2013.
- JEFFREYS, Sheila. *The Idea of Prostitution*. Melbourne: Spinifex Press, 1997.
- JEFFS, Sandy. *Poems from the Madhouse*. Melbourne: Spinifex Press, 2000.
- JENSEN, Robert. *Getting off: Pornography and the End of Masculinity*. Cambridge, MA: South End Press, 2007.
- JENSEN, Robert. *The Heart of Whiteness: Confronting Race, Racism and White Privilege*. San Francisco: City Lights, 2005.
- KLEIN, Naomi. *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. Camberwell, Vic: Penguin Australia, 2007.
- KOHN, Bob. How Book Publishers Can Beat Amazon. *The New York Times*, 30 May 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/05/31/opinion/how-book-publishers-can-beat-amazon.html?emc=eta1&_r=0> Acesso em: 23 ago. 2021.
- KOZLOWSKI, Michael. OverDrive Acquires Cloud Based Company Booki.sh. *Good e-Reader*, 5 Mar. 2014. Disponível em: <<http://goodereader.com/blog/e-book-news/overdrive-acquires-cloud-based-company-booki-sh>> Acesso em: 20 ago. 2021.
- KULESZ, Octavio. *Digital Publishing in the Developing Countries*. Paris: International Alliance of Independent Publishers, 2011. Disponível em: <<http://alliance-lab.org/etude/?lang=en>> Acesso em: 20 ago. 2021.
- LIM, Kwanghui. What Really Went Wrong for Borders and Angus & Robertson? *The Conversation*, 24 Mar. 2011. Disponível em: <<https://theconversation.com/what-really-went-wrong-for-borders-and-angus-and-robertson-341>> Acesso em: 24 ago. 2011.
- MAIRS, Nancy. On Being a Cripple. *Plaintext*, Tucson, University of Arizona Press, p. 9-21, 1992.
- MCLELLAN, Betty. *Unspeakable: A Feminist Ethic of Speech*. Townsville: OtherWise Publications, 2010.

- MEADOWS, Donella H. *Thinking in Systems: A Primer*. White River Junction, VT: Chelsea Green Publishing, 2008.
- MENON, Ritu. Coedición simultánea de libros feministas. Debats, Debates, Dibattiti, Panel Discussions, Besprechungen. Barcelona: IV Fira Internacional del Llibre Feminista, 1990.
- MIES, Maria. *Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women the International Division of Labour*. London: Zed Books; Melbourne: Spinifex Press, 1986/1999.
- MIES, Maria; BENNHOLDT-THOMSEN, Veronika. *The Subsistence Perspective: Beyond the Globalised Economy*. London: Zed Books; Melbourne: Spinifex Press, 1999.
- MIES, Maria; BENNHOLDT-THOMSEN, Veronika; WERLHOF, Claudia von. *Women: The Last Colony*. New Delhi: Kali for Women, 1988.
- MORRISON, Toni. *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination*. New York: Random House, 1993.
- NAMJOSHI, Suniti. *Building Babel*. Melbourne: Spinifex Press, 1966.
- NDUMBE, Prince Kum'a III. Stopping Intellectual Genocide in African Universities. *Pambazuka News*, 312, 2007. Disponível em: <<https://www.pambazuka.org/human-security/stopping-intellectual-genocide-african-universities>> Acesso em: 24 ago. 2021.
- NICHOLLS, Christine. "Dreamtime "and the Dreaming": An Introduction. *The Conversation*, 29 Jan. 2014. Disponível em: <<http://theconversation.com/dreamtime-and-the-dreaming-an-introduction-20833>> Acesso em: 23 ago. 2021.
- PLATH, Sylvia. *The Bell Jar*. London: Faber and Faber, 2013.
- RAYMOND, Janice G. *Not a Choice, not a Job: Exposing the Myths about Prostitution and the Global Sex Trade*. Melbourne: Spinifex Press, 2013.
- RAYMOND, Janice G. *Women as Wombs: Reproductive Technology and the Battle over Women's Freedom*. Melbourne: Spinifex Press, 1994.

- ROBIN, Marie-Monique. *The World According to Monsanto: Pollution, Politics and Power*. Melbourne: Spinifex Press, New Delhi: Tulika Books, New York: The New Press, 2010.
- ROY, Arundhati. *The Cost of Living*. London: Flamingo, 1999.
- ROY, Arundhati. *War Talk*. Cambridge, MA: South End Press, 2003.
- SAID, Edward W. *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*. London: Penguin Books, 1995.
- SAPIRO, Gisèle. Translation as a Weapon in the Struggle against Cultural Hegemony in the Era of Globalization. *Biodiversity: Translation and Globalization*, n. 3, p. 33-42, Febr. 2014.
- SCHIFFRIN, André. *The Business of Books: How the International Conglomerates Took over Publishing and Changed the Way We Read*. London: Verso, 2001.
- SCHMITZ, Sonja. Cloning Profits: The Revolution in Agricultural Technology. In: TOKAR, Brian (Ed.). *Redesigning Life: The Worldwide Challenge to Genetic Engineering*. Melbourne: Scribe Publications; London: Zed Books; Montreal: McGill Queen's University Press; Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2001. p. 44-50.
- SEAGER, Joni. *The State of Women in the World Atlas*. Harmondsworth: Penguin Books, 1997.
- SHIVA, Vandana. *Close to Home: Women Reconnect Ecology, Health and Development*. New Delhi: Kali for Women, 1994.
- SHIVA, Vandana. *Making Peace with the Earth: Beyond Resource, Land and Food Wars*. New Delhi: Women Unlimited; Melbourne: Spinifex Press, 2012.
- SHIVA, Vandana. *Monocultures of the Mind: Perspectives on Biodiversity and Biotechnology*. Penang: Third World Network, 1993.
- SHIVA, Vandana. *The Violence of the Green Revolution: Third World Agriculture, Ecology and Politics*. Penang: Third World Network, 1991.

- SOLANAS, Valerie. *SCUM Manifesto*. New York: Olympia Press, 1967.
- SOTO, Mikel. Txalaparta, Basque Country: Distribution and Promotion of Human and Social Sciences Books: What innovative strategies to succeed? In: INTERNATIONAL Alliance of Independent Publishers Workshop. Frankfurt: 13 October 2013.
- STARK, Christine; WHISNANT, Rebeca. *Not for Sale: Feminism Resisting Prostitution and Pornography*. Melbourne: Spinifex Press, 2004.
- STOLTENBERG, John. *Refusing to Be a Man: Essays on Social Justice*. London: Fontana Collins, 1990.
- STONE, Michael K. Ecological Principles. Center for Ecoliteracy, [s.d.] Disponível em: <<http://www.ecoliteracy.org/nature-our-teacher/ecological-principles>> Acesso em: 24 ago. 2021.
- SULLIVAN, Mary Lucille. *Making Sex Work: A Failed Experiment with Legalised Prostitution*. Melbourne: Spinifex Press, 2007.
- SWANSON, Timothy. The Reliance of Northern Economies on Southern Biodiversity: Biodiversity as Information. *Ecological Economics*, v. 17, n. 1, p. 1-8, 1996.
- TANKARD REIST, Melinda; BRAY, Abigail (Paper presented at.). *Big Porno Inc.: Exposing the Harms of the Global Pornography Industry*. Melbourne: Spinifex Press, 2011.
- TESTARD, Jacques; POULIQUEN, Gwénaél. Interview with André Schiffrin. *The White Review*, Oct. 2010. Disponível em: <<https://www.thewhitereview.org/feature/interview-with-andre-schiffrin/>> Acesso em: 24 ago. 2021.
- THOMPSON, John B. *Merchants of Culture: The Publishing Business in the Twenty-First Century*. Cambridge, UK: Polity, 2010.
- TUHIWAI SMITH, Linda. *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. Otago: Otago University Press; London: Zed Books, 1999.
- WANGOOLA, Ungandan Paul. Mpambo, the African Multiversity: A Philosophy to Rekindle the African Spirit. In: DEI, George J. Sefa;

- HALL, Budd L.; ROSENBERG, Dorothy Goldin (Eds.). *Indigenous Knowledges in Global Contexts: Multiple Readings of our World*. Toronto: OISE/UT, University of Toronto Press, 2000. p. 265-277.
- WATSON, Don. *Death Sentence: The Decay of Public Language*. Sydney: Knopf, 2003.
- WATSON, Don. *Dictionary of Weasel Words, Contemporary Clichés, Cant and Management Jargon*. Sydney: Random House Australia, 2005.
- WILLIAMS, Patricia J. *The Alchemy of Race and Rights: Diary of a Law Professor*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- WILLIS, Meredith Sue. *The Business of Book by André Schiffrin*. [Review] American Ethical Union Library. Disponível em: <<http://www.meredithsuewillis.com/Business%20of%20Books.html>> Acesso em: 23 ago. 2021.
- WITTIG, Monique. The Category of Sex. In: *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1976. p. 1-8.
- WITTIG, Monique. The Mark of Gender. In: *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1985/1992.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.
- WOOLF, Virginia. *A Writer's Diary*. Edited by Leonard Woolf. London: The Hogarth Press, 1953/1975.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Diretora: Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor: Georg Otte

Coordenadora do Labeled: Emília Mendes

Comissão Editorial: Cândida Seabra | Elisa Amorim Vieira | Fábio Bonfim Duarte |
Luís Alberto Brandão | Sônia Queiroz

O **LABED** é o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras da UFMG. Tem como objetivo atuar como centro de formação e estímulo a atividades didáticas e de pesquisa vinculadas ao campo da edição. Em seu escopo, há também a finalidade de publicar textos de alunos, professores e técnicos administrativos pesquisadores ligados à Faculdade de Letras da UFMG. As publicações devem ser essencialmente relacionadas às atividades acadêmicas, tais como: material produzido em disciplinas, eventos, seminários, laboratórios, núcleos de pesquisa, acervos, dentre outros. O trabalho de edição é feito pelos estagiários do laboratório.

Endereço para correspondência

Labeled – Laboratório de Edição - FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha

Campus Pampulha, Sala 4083

Belo Horizonte, MG, Brasil

Tel.: (31) 3409-6072

Site: <https://labeled-letras-ufmg.com.br>

E-mail: revisores.fale@gmail.com

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretora-Geral: Carla Simone Chamon

Vice-Diretor: Conrado de Souza Rodrigues

Chefe de Gabinete: Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

LETRAS – TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Chefe: Sérgio Roberto Gomide Filho

Coordenadora: Joelma Rezende Xavier

Chefe Adjunta: Ana Elisa Ribeiro

Coordenadora Adjunta: Mariana Jafet Cestari

LED: EDITORA-LABORATÓRIO DO CURSO DE LETRAS DO CEFET-MG

Coordenadora da Led: Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador: Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial: Ana Elisa Ribeiro | Elaine Amélia Martins | José de Souza Muniz Jr. | Luiz Henrique Silva de Oliveira | Maria do Rosário Alves Pereira | Rogério Silva Barbosa | Wagner Moreira

Conselho Editorial: Ana Cláudia Gruszynski | Andréa Borges Leão | Cleber Araújo Cabral | Daniela Szpilbarg | Isabel Travancas | Luciana Salazar Salgado | Luis Alberto Brandão | Marília de Araújo Barcellos | Mário Alex Rosa

A **LED** é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Endereço para correspondência

Led – Editora Laboratório - DELTEC/CEFET-MG

Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça

Campus Nova Suíça, sala 344

Belo Horizonte, MG, Brasil,

Tel.: (31) 3319-7140

Site: <https://www.led.cefetmg.br/>

E-mail: led.cefetmg@gmail.com

Coordenadores do projeto: José de Souza Muniz Jr. | Sônia Queiroz

Tradução: Amaury da Silva Nogueira (Cap. 11) | André Figueiredo (Cap. 10, 13, 14) | Anna Isabela Miranda (Cap. 6) | Camila Guerra Contine (Cap. 3, 4) | Carolina Garcia de Aguiar (Cap. 6) | Débora Rodrigues (Cap. 8) | Deborah Dietrich Fortunato (Cap. 7) | Jeniffer Alecrim (Cap. 8) | Lobélia R. Comini (Cap. 7) | Lucas Soalheiro (Cap. 12) | Marcelo Megale (Cap. 2) | Naiani Nogueira (Cap. 5) | Patrícia Franca (Cap. 1) | Raquel Saraiva (Introdução, Cap. 9) | Renato de Abreu Barcelos (Cap. 3, 4) | Sarah Guerra (Cap. 5) | Ytalo Andrade (Cap. 2) | Zacarias Manoel de Assis (Cap. 11)

Revisão da tradução: Ágata Paiva (Cap. 2) | Camila Contine (Cap. 8, 9) | Carolina Nogueira Dumbá (Cap. 8, 9) | Débora Uieda (Cap. 6, 7) | Eduarda Vasconcelos (Cap. 5) | Giulia Zuccoli Barbosa (Cap. 3, 4) | Júlia de Paula Boaventura (Cap. 11) | Julia Gomes (Cap. 1, 10, 13, 14) | Laura Pereira (Cap. 12) | Luana Moura (Cap. 10, 13, 14) | Lucas Soalheiro (Cap. 1, 10, 13, 14) | Madalene do Vale Martins (Cap. 11) | Marcelo Cruz (Cap. 12) | Marcelo Megale (Cap. 10, 13, 14) | Marcelo Gomes (Cap. 6, 7) | Nílive Sampaio (Cap. 10, 13, 14) | Sofia Andrade (Cap. 5) | Sophia Rolim (Cap. 11) | Ytalo Andrade (Cap. 8, 9)

Preparação: Patrícia Franca

Projeto editorial: Josiane Cândido | Letícia Silva Alves Fernandes | Lucas Vaz de Melo | Maíra Ohana Reis Silva | Talita Mariana Lane dos Santos | Wemerson F. Gomes

Projeto gráfico e capa: Ingrid Jennifer Rego | Lívia Souza | Wemerson F. Gomes

Revisão de provas: Júlia Demétrio | Richard Pereira Saraiva

Hawthorne, Susan

H399b

Biodiversidade [recurso eletrônico] um manifesto pelas edições independentes / Susan Hawthorne. Belo Horizonte: LABED; LED, 2024.

109 p.

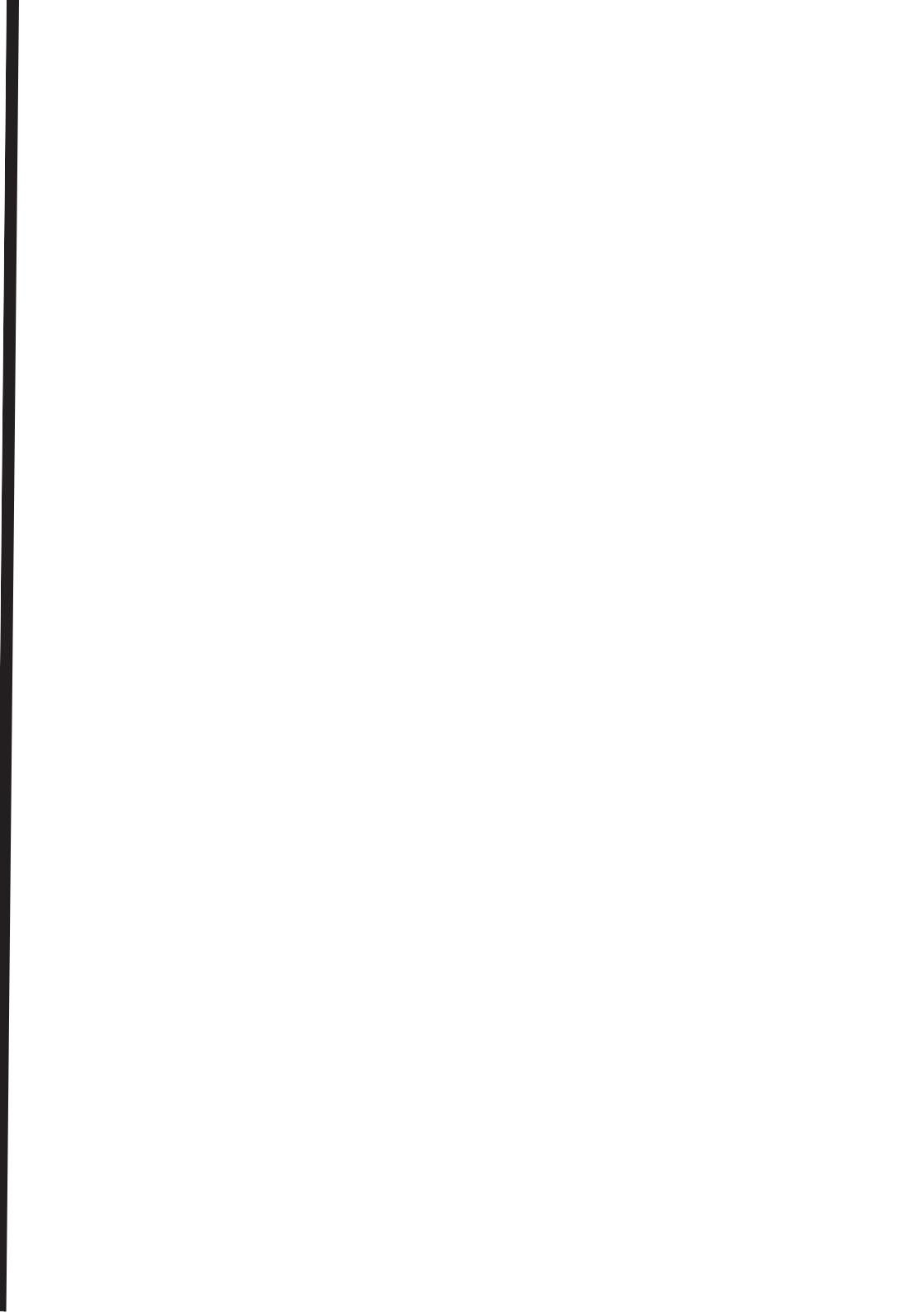
ISBN: 978-65-87948-32-4

1. Edição. I. Título.

CDD: 070

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

A presente edição
foi estabelecida por estudantes
dos cursos Letras – Edição da
UFMG e Letras – Tecnologias de Edição
do CEFET-MG. A preparação de originais,
o projeto gráfico, a diagramação e as revisões
foram feitos pelas editoras-laboratório das duas
instituições (Labed e LED), na crença de que
a bibliodiversidade é também uma questão
política de convivência universitária. Este
livro foi composto com tipografia Tw
Cen MT e produzido durante os
anos de 2023 e 2024.



Bibliodiversidade é um termo cunhado por editores chilenos nos anos 1990 para designar uma filosofia editorial diferente daquela praticada pelas megacorporações transnacionais que vêm dominando o setor. Como contraponto à homogeneização e às políticas predatórias dessas empresas, as pequenas editoras independentes figuram como guardiãs da diversidade de pensamento, ao construir catálogos que dão espaço para temas urgentes e vozes dissonantes. Neste ensaio, a escritora, pesquisadora e editora australiana Susan Hawthorne oferece um retrato contundente das mazelas da indústria editorial mainstream. Trata-se de uma leitura incontornável para todas as pessoas preocupadas com o presente e o futuro dos livros que fazem a diferença na construção de um mundo mais justo e democrático.